

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO**

LYSANNE DE OLIVEIRA FERRO

**EFEITOS DE SENTIDO NO JORNAL NACIONAL:
O DISCURSO SOBRE JAIR BOLSONARO NA PANDEMIA DE COVID-19**

**Maceió
2022**

LYSANNE DE OLIVEIRA FERRO

**Efeitos de sentido no Jornal Nacional:
o discurso sobre Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19**

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza
Ramires

**Maceió
2022**

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

F395e Ferro, Lysanne de Oliveira.

Efeitos de sentido no Jornal Nacional : o discurso sobre Jair Bolsonaro na pandemia de Covid-19 / Lysanne de Oliveira Ferro. – 2022.
69 f.

Orientadora: Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 66-69.

1. Telejornalismo. 2. Jornal Nacional (Programa de televisão). 3. Pandemia. 4. Análise do discurso. I. Título.

CDU: 070:654.17/.19



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 18 dias do mês de fevereiro do ano de 2022, das 14h às 15h15, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) (*online*), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado **“EFEITOS DE SENTIDO NO JORNAL NACIONAL: O DISCURSO SOBRE JAIR BOLSONARO NA PANDEMIA DE COVID-19”** de autoria da graduanda **LYSANNE DE OLIVEIRA FERRO**, matrícula 14210312, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta pelo prof. Dr. Júlio Arantes de Azevedo (1º examinador), pela profa. Dra. Maria Rachel Fiúza Moreira (2ª examinadora) e pela profa. Dra. Lídia Ramires (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0 (dez inteiros)

Reprovado

Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

(orientador)

(1º examinador)

(2º examinador)

*A quem fui, a quem consigo ser a duras penas e a
quem busco ser amanhã*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por não me deixar só, mesmo quando eu tinha certeza que estava e por não permitir que eu desistisse de mim e dos meus sonhos;

Aos meus pais, que são os maiores responsáveis por eu estar nesse espaço agora. Não fosse o investimento numa educação de qualidade a prioridade deles, certamente essa monografia jamais existiria. Adiaram planos e sonhos para que eu e minhas irmãs pudéssemos sonhar voos que até nós duvidamos que fossem possíveis;

A minhas irmãs, Layanne e Lívia, que foram as minhas primeiras amigas e assim permanecem até hoje. A minhas tias, tios, madrinhas, padrinho, primas e primos que são meu porto seguro;

Aos meus avós Durval, Juarez, Terezinha, Nazaré, Carmelita e Maria que não estão mais nesse plano, mas que são responsáveis pelas minhas memórias mais doces e felizes da infância. A minhas avós Neusa e Carminha, que ainda estão aqui, por me ensinarem que o cuidado é a forma mais singela de amor;

À Dayanne, Bartolomeu, Brenda, Luana, Mayra, Maria Clara, Vitor, Walquíria, Maria Heloyse, Samuel e Maria Helena, vocês foram as melhores coisas que aconteceram pra mim em Arapiraca;

À Alexsandra, Débora e Neto, a Ufal e a vida são mais leves com vocês;

A Janderson, Luiz, Thayná, Gian, Danilo, obrigada por me manterem nos trilhos e me tirarem deles quando necessário;

À Micaella, Victória, João, Vinícius, Natália, Lucas, Leo, Ailla, Eliene, Jackson, o Levante fez com que os nossos caminhos se cruzassem, obrigada por permanecerem e fazerem da vida mais leve para seguir;

A Ramon, Ícaro e Eli que, mesmo com 170 km nos separando, se fazem presentes;

À Marina, Vicente, Renato, Jordana, Maceió é ainda mais linda com vocês;

À Kelma, por ter olhado pra mim com atenção e me ensinado muito mais da técnica jornalística, com você aprendi a ser uma pessoa melhor;

A todos os professores e professoras que me acompanharam e foram fundamentais para que eu entrasse no curso de Jornalismo na Ufal;

À minha orientadora, em especial, Lídia Ramires, que é uma fonte de inspiração e que eu tenho o prazer de ter como amiga. Seguimos plantando tâmaras;

À Karol, Severino e Thiago pela paciência em todas as vezes que eu chegava desesperada precisando de ajuda;

Ao COS, aos professores Júlio Azevedo, Janayna Ávila, Eliana Keifalás, que deram sentido a essa caminhada dentro do jornalismo. A Alcione, Tia Jô e estudantes do COS que, durante esses anos, se tornaram parte da minha vida;

Ao Diretório Acadêmico Freitas Neto e ao Diretório Central dos Estudantes da Ufal que me permitiram estar em cada espaço da universidade, ressignificando tudo dentro de mim;

À Universidade Federal de Alagoas, a menina dos meus olhos, que por muitos anos foi o meu lar, meu refúgio, minha trincheira de luta. Saio uma comunicadora social e popular, fruto de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Encerro este capítulo, mas permaneço nela, na defesa da educação para que todos possam ocupar suas cadeiras, que permaneçam com dignidade e consigam transformar o mundo através dela;

Ao Levante Popular da Juventude, que trouxe sentido à minha indignação e colocou mais sonhos na minha vida: o sonho de um Brasil feito por e para o povo brasileiro.

À Consulta Popular, que me deu o sentimento de pertencimento a algo muito maior que eu: um projeto de sociedade possível, que cabe nossos sonhos e nossas angústias;

À minha psicóloga Brenda Oliveira, por me ajudar a me enxergar com o carinho que tenho pelo mundo;

Aos que vieram antes de mim, que dedicaram as suas vidas na construção de um mundo melhor, de uma comunicação popular e emancipadora, e que me inspiram a seguir seus caminhos e a honrá-los.

Em suma, aos citados e aos que eu provavelmente esqueci, obrigada por estarem presentes. Chegar até aqui também é responsabilidade de vocês que não me permitiram desistir.

E por fim, mas não menos importante, a mim, por não ter desistido e chegado até aqui.

O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história, com a diferença de que a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica

Eni Orlandi (2001)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre a pandemia de Covid-19, que afetou todo o mundo e como ele é veiculado para sociedade, através do programa telejornalístico Jornal Nacional, da emissora de TV Globo, produzindo sentidos. Tem como período de referência para a análise os dois primeiros meses de pandemia, março e abril de 2020. Além disso, analisamos as falas do presidente durante entrevistas coletivas e pronunciamentos oficiais para as redes abertas de TV e rádio. Quanto ao Jornal Nacional, selecionamos as escaladas – chamadas de notícias que serão apresentadas ao longo da edição daquele dia – e as aberturas de reportagens, ambas tendo como personagens os âncoras do telejornal William Bonner e Renata Vasconcellos. Ao longo dessa análise, buscou-se compreender o funcionamento da construção dos discursos de ódio e banalização da vida, bem como do discurso sobre, neste caso o discurso de Bolsonaro sobre a pandemia, dentro do telejornal. Temos a compreensão de que o discurso jornalístico parte primordialmente da lógica de defesa dos interesses ideológicos e financeiros dos grupos de comunicação, que são camuflados por meio de técnicas determinadas para tornar o discurso jornalístico em um produto que convença o público de que o que está sendo apresentado é a verdade sobre aquele fato. Utiliza como fundamentação teórica os estudos da comunicação que debatem esses interesses do mercado nos meios de comunicação e a metodologia da Análise do Discurso de filiação pecheutiana (AD).

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Jornal Nacional. Pandemia. Análise do Discurso. Discurso sobre

ABSTRACT

The present work aims to analyze the effects of meaning produced by the speech of the President of the Republic of Brazil, Jair Messias Bolsonaro, about the Covid-19 pandemic, which affected the whole world and how it is broadcast to society, through the television news program. Jornal Nacional, from TV Globo, producing meanings. The reference period for the analysis is the first two months of the pandemic, March and April 2020. In addition, we analyzed the president's speeches during press conferences and official pronouncements for open TV and radio networks. As for Jornal Nacional, we selected the escalations – news headlines that will be presented throughout that day's edition – and the openings of reports, both featuring the news anchors William Bonner and Renata Vasconcellos. Throughout this analysis, we sought to understand the functioning of the construction of hate speech and the trivialization of life, as well as the speech about, in this case, Bolsonaro's speech about the pandemic, within the television news. We understand that journalistic discourse is primarily based on the logic of defending the ideological and financial interests of communication groups, which are camouflaged through certain techniques to turn journalistic discourse into a product that convinces the public that what is being presented is the truth about that fact. It uses as theoretical foundation the studies of communication that debate these market interests in the media and the methodology of Discourse Analysis of Pecheutian affiliation (AD).

Keywords: Telejournalism. Jornal Nacional. Pandemic. Discourse Analysis. Discourse about

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 SOBRE MÍDIA E ANÁLISE DO DISCURSO.....	13
2.1 O Discurso Jornalístico na perspectiva da Análise do Discurso.....	14
2.2 Interdiscurso.....	18
2.3 Formações Discursivas.....	19
2.4 Condições de Produção de um discurso.....	20
3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO BOLSONARISMO.....	22
3.1 O Capitão-presidente.....	23
3.2 A sustentação do discurso de Bolsonaro: <i>fake news</i> e o vazio.....	25
3.3 O Atleta-presidente.....	27
4 O FAZER TELEJORNALISMO BRASILEIRO: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO DO JORNAL NACIONAL.....	32
4.1 O Jornal Nacional: nascimento no seio da Ditadura Militar.....	33
5 BOLSONARO, PANDEMIA E JORNAL NACIONAL.....	40
5.1 Primeiros acontecimentos e o negacionismo como política.....	40
5.1.1 Descaracterizar para confundir: A gripezinha, a histeria e o superdimensionamento.....	43
5.2 O discurso sobre: como o JN apresenta o discurso de Bolsonaro.....	46
5.2.1 Bolsonaro no centro das escaladas.....	47
5.2.2 JN X Bolsonaro: as críticas ao presidente no contexto da pandemia.....	50
5.2.3 A relação público – JN na pandemia.....	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1. INTRODUÇÃO

Compreender o discurso jornalístico como algo que ultrapasse as normas técnicas criadas para sustentá-lo nos permite um vasto caminho de possibilidades de interpretação para pensar o funcionamento da sociedade, bem como o funcionamento da construção da notícia. Partimos da afirmação que o discurso jornalístico possui características próprias (MARIANI, 1996) e desempenha uma função própria dentro da sociedade para manter a divisão social como está. Assim como o modelo de sociedade que vivemos é uma construção social, a comunicação também é uma construção com interesses financeiros e ideológicos estabelecidos.

Este trabalho analisa como o discurso jornalístico apaga esses interesses para convencer o espectador/leitor/ouvinte de que o que está sendo apresentado é a versão fiel ao acontecimento e, através disso, estabelece uma relação de confiança e lealdade entre o emissor e receptor da mensagem. Trabalhos como os de Ramires (2012), Moreira (2016; 2019), Mariani (1996), Azevedo (2010), Pimentel (2010), Dela-Silva (2008; 2013) fundamentam o que é trabalhado aqui para que os gestos de interpretação possibilitem perceber o que está posto e o que é “escondido” na forma de técnica jornalística, como a imparcialidade e neutralidade.

Além de se constituir de formas que blindam seus interesses, o discurso jornalístico provoca também um distanciamento do fato para dar mais credibilidade ao que é contado. É o falar sobre algo, definição criada por Mariani (1996), que aponta o discurso jornalístico como um **discurso sobre** algo que faz com que a imagem do apresentador seja vista apenas como um transmissor da mensagem, ocultando que a mesma é construída por ele também.

Aqui, iremos nos debruçar sobre a maneira como o Jornal Nacional, programa telejornalístico do horário nobre da TV Globo, apresentou e reverberou as falas iniciais do Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.

O discurso desinformante de Bolsonaro sobre a pandemia fez com que as críticas ao seu governo se estendessem a outros setores da sociedade, entre eles o Jornal Nacional que assumiu uma posição de enfrentamento a tudo que o presidente falava sobre a pandemia. Nosso intuito é através desse trabalho compreender como a apresentação do discurso do presidente brasileiro se deu ao longo das edições dos dois primeiros meses de pandemia.

É necessário ressaltar que essa posição assumida pelo JN não se dá desde o início, uma vez que o presidente é uma figura pública que foi deputado federal por sete mandatos consecutivos. Esse movimento de se aproximar e se afastar de quem está no comando do país é uma característica das empresas de comunicação e revela como os interesses ideológicos e

financeiros moldam uma relação que repercute na maneira com a qual ela será tratada como notícia pelo veículo de comunicação.

Tomando como ponto de partida, a seleção do *corpus* deste trabalho, selecionamos os dois primeiros meses da pandemia, nos quais o vírus detectado na China passa de epidemia para uma pandemia mundial catastrófica com consequências incontáveis que perdura até hoje e com perspectiva de se manter ao longo dos próximos anos. Com isso, ao longo da seleção o próprio *corpus* tomava forma, delimitando-se.

Formado inicialmente pelas falas do presidente em entrevistas, coletivas, momentos na entrada do Palácio do Planalto e para a parte que se refere ao JN, as escaladas – abertura do telejornal com a chamada das principais notícias que serão apresentadas ao longo do programa – e a aberturas de reportagens, ambas narradas pelos âncoras do Jornal Nacional, William Bonner (que ainda desempenha a função de editor-chefe do noticiário) e Renata Vasconcellos.

O trabalho está dividido em seis seções, incluindo introdução e considerações finais. Na segunda seção, trataremos do diálogo entre a Análise do Discurso e a Comunicação e alguns fundamentos teóricos da AD que auxiliam na compreensão de como o discurso funciona, neste caso especificamente o discurso jornalístico. Na terceira seção, abordaremos as condições de produção que o discurso do presidente Bolsonaro está inserido, evidenciando a narrativa ofensiva que foi construída por ele ao longo dos anos. Em seguida, as condições de produção que o telejornalismo da TV Globo se encontram e os momentos em que Bolsonaro e JN se cruzam, desde antes da pandemia. Por fim, além das considerações finais, finalizamos com a análise de 27 sequências discursivas do *corpus* para compreender como essa relação entre as duas partes foi tratada ao longo das edições.

2. SOBRE MÍDIA E ANÁLISE DO DISCURSO

Este trabalho só é possível graças aos esforços de muitos que elaboraram sínteses e métodos para que pudéssemos ter dispositivos que nos permitem romper com normas, costumes e crenças tidas como naturais, quando na verdade são construções sociais para sustentar determinada classe no poder, a exemplo do que é considerado ser mulher dentro da sociedade.

Podemos perceber esse padrão – de que tudo é como é, naturalmente – também na mídia, e em como as notícias são construídas. Elas são apresentadas para o telespectador como apenas um relato encaminhado por um sujeito neutro que tem como único objetivo informar. Para compreender o que move essa mídia imparcial, quais são seus interesses, a quem ela presta serviço nos utilizamos da metodologia da Análise do Discurso.

Compreendemos também que esse ainda é um percurso em construção e que aqui será utilizado para auxiliar na fundamentação do nosso objeto de estudo e em sua metodologia.

A teoria da Análise do Discurso (AD) de origem francesa, formulada por Michel Pêcheux, difundida no Brasil, por Eni Orlandi¹ – compreende que o discurso atua como mediador na relação entre o indivíduo e a sua realidade. O discurso pode também contribuir na alteração dessa realidade que o indivíduo está inserido (ORLANDI, 2001, p. 15). Com isso, pensar o discurso vai além do que está dito e do que se pode compreender sem o gesto de interpretação. O que não dizemos ou o que silenciemos também constitui o discurso e significa em si, ou seja, o discurso não é composto apenas pela junção de frases que formam algum sentido, indo além da sua estrutura.

(..) todo discurso é estrutura, pois é constituído por sequências linguisticamente descritíveis abertas à interpretação; mas também é acontecimento, porque a própria existência dessa sequência de enunciados desestrutura/reestrutura a cadeia discursiva, tornando possíveis outras interpretações (ARAÚJO, 2006, p. 137).

A AD nos apresenta um método que permite analisar e compreender que há várias camadas no discurso e quais são essas camadas, a relação delas com a sociedade e com o sujeito que o diz. Permitindo uma ruptura com o que é naturalizado, “o método empregado para o

¹ A Análise do Discurso surge na França, na década de 1960, através de Michel Pêcheux que traz o discurso para o centro do debate, não mais a língua. Fazendo a junção da linguagem, psicanálise e o materialismo histórico. No Brasil, é inaugurado por Eni Orlandi. Ao longo dos anos, a AD iniciada por Pêcheux adquire novas características ao passo em que mais estudiosos se debruçam nessa teoria. Com essas contribuições, algumas questões ainda causam divergências, como as que envolvem sujeito e ideologia. Não cabe neste trabalho adentrar nessas questões ou sanar qualquer lacuna. Aqui, utilizamos a AD como suporte metodológico que nos permite fazer a análise.

desvelamento da realidade. (...) ao mesmo tempo, mostrar a forma utilizada, o caminho percorrido pelo pesquisador para explicar o objeto de sua investigação” (FLORENCIO, A. et al, 2016, p, 43).

Permitindo uma ruptura com o que é naturalizado, pois boa parte de tudo que conhecemos é fruto das relações de classes por meio do trabalho. “A história não é senão a sucessão das diversas gerações, cada uma das quais explora os materiais, capitais, forças de produção que lhe são legados por todas as que a precederam” (MARX, 2009, p. 53).

A metodologia da AD permite uma leitura que parte de outra perspectiva, que leva em consideração o discurso, o sujeito e a ideologia, como Silva e Araújo colocam:

Em AD, a metodologia de análise não incide em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, tentando observar o que o texto diz do início ao fim, mas, realiza-se uma apreciação em profundidade, que é possibilitada pela descrição-interpretação em que se examina, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares estabelecidos a partir de regularidades discursivas demonstradas nas materialidades (SILVA; ARAÚJO, 2017, p. 4).

É essa metodologia que utilizaremos como base para o nosso trabalho, que propõe a investigação e análise do noticiário Jornal Nacional veiculado pela TV Globo sobre o discurso do Presidente Jair Messias Bolsonaro durante os dois primeiros meses da pandemia do Sars-CoV-2 no Brasil.

2.1 O Discurso Jornalístico na perspectiva da Análise do Discurso

A Análise do Discurso, como disciplina de entremeio (ORLANDI, 2001), tem dialogado com outras áreas do conhecimento, entre elas a Comunicação que é o foco da nossa análise. A AD permite que alguns pressupostos cristalizados da Comunicação, como a imparcialidade e a neutralidade, sejam questionados. Ao longo dos anos, a mídia jornalística construiu poder para manter seus interesses e ajudar a manter os de seus aliados que em sua maioria controlam a sociedade. Com a AD, esses padrões naturalizados são questionados e a partir dos gestos de interpretação, que permitem uma leitura aprofundada, são desvelados e, com isso, se tornam impossíveis de passarem despercebidos.

A imparcialidade e a neutralidade são aceitas como algo inerente à imprensa pois a mesma criou uma relação de confiança com o público, fazendo com que o seu discurso seja levado em consideração e assim, construiu a imagem de imparcial, sendo apenas a ponte entre informação e receptor.

Isso faz com que a mídia jornalística e seu discurso sejam um vasto terreno para a análise da AD, o que permite que os analistas investiguem as verdades tidas como absolutas (RAMIRES, 2012). Ainda segundo Ramires, esses discursos reforçam as posições de classes e contribuem na manutenção destas posições sustentadas pelo capitalismo, pois “os textos – quer sejam orais, imagéticos, escritos – divulgados pela mídia são produções de uma indústria que obedece aos ditames do mundo capitalista” (RAMIRES, 2012, p. 32).

O discurso jornalístico possui características na sua construção, realizada em diversas etapas como a pré-produção, apuração, produção e edição, importantes para a Análise do Discurso. Essas etapas funcionam para o jornalismo como demonstração da imparcialidade e neutralidade, como se elas fossem a garantia de um processo transparente para o público. Entretanto, o discurso jornalístico não é transparente.

Ele é apresentado como tal para garantir mais confiança do público, isso faz com que os interesses ideológicos e financeiros não venham à tona, como Ramires coloca: “a ilusão de transparência no discurso jornalístico mascara o funcionamento ideológico neoliberal e, portanto, enaltecendo a autodeterminação individual, a concorrência entre os sujeitos, a liberdade e a capacidade de escolher seu futuro” (Ramires, 2012, p. 43).

Outra característica determinante do discurso jornalístico para a AD é que para que ele passe a ideia de neutralidade, ele parte de um lugar mais afastado do fato, sempre recorre a especialistas, pessoas que possam validar o que é apresentado naquele momento. O jornalista cumpre um papel de apenas apresentador do fato, um narrador do acontecimento. Essa característica Mariani (1996) intitulou de **discurso sobre**. O discurso sobre, segundo a autora, é:

Um efeito imediato do falar sobre é tomar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc, justamente porque não se 'envolveu' com a questão (MARIANI, 1996, p 63-64).

Ou seja, o discurso jornalístico é um discurso cujos efeitos de sentido provocados a partir dele remetem a um distanciamento de quem o fala. Isso permite que o jornalista emita opiniões, determinar sobre o caráter de um acontecimento ou pessoa. A linha editorial da empresa fica escondida, aparentando que é apenas uma técnica de fazer notícia. Para o

espectador, o que é apresentado é apenas uma apresentação dos fatos, o jornalista é apenas uma ponte do que aconteceu e o público.

Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de ('discurso" origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja (MARIANI, 1996, p. 64).

Além disso, Mariani (1996) aponta mais uma característica determinante do discurso jornalístico. Para que o público compreenda exatamente aquilo que a empresa de comunicação deseja que seja entendido, o jornalismo faz uso de um discurso pedagógico, explicativo. Mas, para que funcione de fato não basta apenas ser pedagógico, o discurso jornalístico passa a ser autoritário, direcionando os sentidos para apenas um gesto de interpretação possível, permitindo apenas que se compreenda aquilo que a linha editorial pretende que seja compreendido.

Fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária. Se no discurso pedagógico autoritário cabe ao professor fazer a mediação entre o saber científico e os aprendizes de tal modo que, com base em citações de autoridade e afirmações categóricas (dentre outras estratégias), os alunos se vêem diante de verdades incontornáveis – no professor está a verdade – sentindo-se, portanto, tolhidos a qualquer questionamento, no discurso jornalístico, mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si (MARIANI, 1996, p. 65).

O autoritarismo no discurso jornalístico fica mais palpável quando se trata de assuntos em que a maioria dos brasileiros não têm familiaridade, como as questões econômicas, por exemplo, os termos do mercado financeiro são traduzidos pelo jornalista, ou pelo especialista do assunto convidado, mas de uma maneira que seja compreendida apenas de uma forma, a que as empresas de comunicação desejam.

A linha editorial é imposta ao telespectador de maneira que não seja percebida como uma imposição, mas ela molda todos os segundos de um telejornal, bem como os outros meios de comunicação. Ramires reforça que a maneira que o discurso jornalístico é moldado (pedagógico e autoritário) é determinante na relação telejornal e público.

O público é estimulado a tomar o que é apresentado como verdade absoluta e incontestável. Assim, com relação ao sucesso, o discurso jornalístico se apresenta como um passo a passo a ser seguido. Uma vez que se apresenta como isento no relato dos fatos e não de interpretações desses acontecimentos, silencia nos

telespectadores – ao modo de professores autoritários atuam junto a seus alunos – e apontam as verdades inquestionáveis (RAMIRES, 2012, p. 34-35).

Assim, nos utilizamos da metodologia da Análise do Discurso para estudar a comunicação, pois a mesma propõe uma ruptura com a lógica de naturalidade apresentada pela mídia, através dos gestos de interpretação que permitem desvelar sentidos que foram apagados intencionalmente para proteger os interesses de quem comanda os grandes oligopólios de mídia no Brasil, especificamente.

Compreendemos que isso acontece porque a mídia está inserida na lógica e nos interesses das classes dominantes defendendo uma ideologia ou contribuindo para uma que se torna sua também. Ou seja, o discurso midiático é permeado pelos interesses ideológicos dominantes e o exercício de analisá-lo nos obriga a encarar o funcionamento da estrutura de como é construída a notícia – que é o que chega no público. Aqui, analisaremos a estrutura de um telejornal, mais especificamente a estrutura do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. Para além de como é apresentado, como uma montagem técnica, que parte de critérios de noticiabilidade que determina o que é ou não notícia², mas sim compreendendo quais são os interesses daqueles que detêm o poder que fazem essa “peneira” e determinam o que é noticiável. Moreira (2019) coloca a necessidade de mudança da ótica para compreender como o discurso midiático é constituído, ela afirma que:

É nessa movimentação cotidiana, ou seja, é essa língua no mundo que vai fazer a engrenagem da mídia funcionar. Analisar o discurso da/na mídia de forma geral e da/na mídia jornalística em particular, a partir da perspectiva discursiva em que nos ancoramos, requer alguns deslocamentos e, porque não dizer, mudanças de terreno. Muitos conceitos que pareciam evidentes vão-se desmanchando como um frágil castelo de cartas” (MOREIRA, 2019, p. 20).

Compreendemos assim que o jornalismo é uma grande fonte de *corpora* para a Análise do Discurso, pois, de acordo com Dela-Silva, “a palavra e, de um modo mais geral, o dizer, que são mesmo a “matéria-prima” do jornalismo, estão também no foco da análise de discurso” (2013, p. 1).

Para que possamos analisar o que é proposto por esse trabalho, é preciso compreender que a Análise do Discurso se constitui de categorias fundamentais para a entender o funcionamento do discurso. Aqui consideramos ser necessário aprofundá-las um pouco neste trabalho para auxiliar a análise.

² Dentro dos manuais de jornalismo, são colocados critérios que são considerados norteadores na construção da pauta. Vizeu (2000) coloca que esses critérios definem a noticiabilidade de um fato, ou seja, a relevância do acontecimento que o transforma em notícia.

2.2 Interdiscurso

O discurso é constituído por aquilo que é dito e pelo que não é dito, isso quer dizer que quando o sujeito diz algo ele também deixa de dizer alguma coisa e esse não dito significa e é material de análise, pois para a Análise do Discurso tudo é fonte que contribui para investigar os sentidos que um discurso carrega. “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (ORLANDI, 2001, p. 30).

Além dos rastros de memória de outros discursos que já significaram antes na história. Ou seja, tudo o que o sujeito diz hoje já significou em um determinado tempo histórico. Isso, para Orlandi, representa que o discurso não começa nem termina naquele que o pronuncia, “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras” (ORLANDI, 2012, p. 32).

A esse já-dito, a autora retoma a conceituação de interdiscurso de Pêcheux, segundo a autora:

O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras (ORLANDI, 2012, p. 33-34).

Esse “apagamento na memória”, que ela coloca como fundamental para que o já-dito faça sentido e o sujeito acredite que o seu discurso é oriundo dele mesmo, só é possível por conta dos “esquecimentos”: seja de ordem inconsciente – o esquecimento nº. 1 – no qual o sujeito é afetado pela ideologia, pela sua formação social que faz com que o sujeito acredite ser a fonte do que diz; ou de ordem semi-inconsciente – o esquecimento nº. 2 – que faz com que o sujeito pense ter controle sobre aquilo que diz, quando ele escolhe formas de dizer em detrimento de outras para que tenha em seu discurso o efeito de univocidade (AZEVEDO, 2010). Ou, nas palavras de Ramires,

No esquecimento nº 1, o sujeito se apresenta como origem de seu dizer, tendo a ilusão de ser fonte daquilo que diz. Esse esquecimento é da ordem do ideológico. [...] No esquecimento nº 2, a ilusão se dá quanto à escolha do que é dito na formação discursiva que o domina. Esse esquecimento é da ordem

da enunciação, produzindo um efeito de que há uma relação natural entre a palavra e o objeto (RAMIRES, 2012, p 31).

O discurso, além de uma estrutura, é também um acontecimento (PÊCHEUX, *apud* DELA-SILVA, 2008) e isso nos permite compreender todo um contexto envolvido naquele dizer; todos os movimentos que o compõem, como ele é constituído, afetado, interpretado e inserido na sociedade. Como explica Dela-Silva: é “a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra” (2008, p. 18).

2.3 Formações Discursivas

Para compreender como as formações discursivas atuam no discurso precisamos apresentar o conceito das Formações Ideológicas. A formação ideológica é constituída pelo lugar que o sujeito possui na sociedade, bem como o tempo ou momento histórico determinante. Ou seja, a formação ideológica é

a própria materialização da ideologia, lugar permeado por conflitos de classe, expressando a posição de dominância de determinada classe social em relação à subordinação ou resistência advinda de outra classe. As formações ideológicas constituem um complexo de atitudes e representações relacionado às posições de classe em confronto (PIMENTEL, 2010, p. 36-37).

É a partir da formação ideológica que a formação discursiva determina o que será dito (ORLANDI, 2001, p 42). Isso faz com que seja nelas que o discurso é produzido, pois inserido em uma determinada formação discursiva, o discurso faz significar – no que pode ser dito ou não, dentro dessa inscrição. Isso, pois, os discursos são afetados pela ideologia e as suas relações. Assim, o discurso dominante reflete e refrata as ideias da classe dominante.

Assim,

compreendemos que os discursos são produzidos a partir de posições que vão sustentar os dizeres e produzir os sentidos das palavras. Assim, esses dizeres não se originam nos indivíduos, pois fazem parte das Formações Ideológicas, são práticas sociais concretas de uma Formação Social (MOREIRA, 2019, p. 54).

Desta forma, uma mesma palavra pode ter significados diferentes dependendo das formações discursivas em que se insere. Tanto no sentido de quem fala, como de quem interpreta, pois ambos são afetados pela ideologia da classe a qual pertencem. Como afirma

Orlandi: “é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (ORLANDI, 2001, p. 44).

Tomamos como exemplo a expressão **direitos humanos**, que tem um significado para quem é ativista pela causa e outro, completamente diferente, para os que acreditam que esses só existem para proteger o que consideram “bandidos”. As palavras, partindo das bases teóricas da AD, significam para além do que está no dicionário, ganham efeito de sentido com o sujeito que detém o discurso e com a classe social em que ele está inserido.

Isso nos leva a enxergar o discurso também partindo das relações sociais, ou seja:

Compreendendo o discurso como produto de um processo de relações entre indivíduos, como resultado de um amplo e complexo trabalho interindividual que se concretiza de forma oral ou escrita por uma singularidade que pode ser um indivíduo ou um grupo social e como modo de se pôr formas específicas de ideologia, procuramos compreender e explicar como o discurso em análise articula sentidos – o que conserva, o que põe de novo ou o que re-significa de discursos já sedimentados (AZEVEDO, 2010, p. 31-32).

Pensar o discurso é pensar nas relações de classe e em como elas são construídas a partir da relação dos sujeitos com o trabalho; dos exploradores e dos explorados. Que determinam as construções dos discursos e das relações.

2.4 Condições de Produção de um discurso

Todo discurso faz parte de um contexto que parte de determinado sujeito em determinada posição social e em determinado período histórico. São as condições em que este discurso está construído que o definem, assim como os modos de produção da sociedade e como ela se divide. Compreendendo as condições de produção do discurso, podemos assimilar a luta de classes e como ela funciona. Como ressalta PIMENTEL, “o discurso emerge das relações sócio-históricas estabelecidas em dado sistema produtivo, sendo a compreensão de modo de produção determinante para a compreensão dos efeitos de sentido do discurso” (PIMENTEL, 2019, p. 29).

As condições de produção permitem que o gesto de interpretação aponte como o sujeito se relaciona com a sua ideologia, com contexto social em que ele está inserido e como o mesmo afeta o seu discurso e o determina. Como Ramires (2012) coloca, para a Análise do Discurso a categoria de condição de produção:

(...) é essencial para a compreensão de como os discursos são constituídos, como se processam os sentidos e qual a relação dos discursos com a realidade em que se produzem, como produzem sentidos e, assim, fazem história, polemizam e transformam as relações sociais, e que atuam ainda na reprodução e na estabilização da sociedade em que se produzem (RAMIRES, 2012, p. 36).

Para a Análise do Discurso, as condições de produção se dividem em amplas e restritas. Moreira (2019) classifica as amplas como as que “estão situadas as grandes áreas de circulação de sentidos, como a política, a justiça, a educação, a mídia etc, que vão formar uma totalidade social.” (2019, p. 24); e as restritas estão relacionadas “ao contexto imediato, às circunstâncias da enunciação que se particularizam e/ou individualizam no/pelo discurso, em uma configuração específica do entendimento desse ou daquele tipo ou do gênero discursivo” (MOREIRA, 2019, p. 24).

Com isso, conseguimos compreender que a palavra em si é apenas uma partícula no oceano de possibilidades para quem analisa o discurso. A palavra precisa de vários elementos para que faça sentido. Aqui o que importa, para além da palavra, é como ela faz sentido naquela frase, todas as outras palavras que foram esquecidas ou ocultadas para que aquela fosse colocada no discurso, quem a fala, em que condições ela é dita, quais são as ideologias que atravessam esse sujeito, a quem ele se direciona. Orlandi reforça as nuances que precisam constar em toda análise que busca compreender os sentidos dos discursos. “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (ORLANDI, 2001, p 30).

Para analisarmos os sentidos produzidos no discurso, faz-se necessário analisar suas condições de produção desse discurso. Aqui, nos debruçamos para compreender quais são as condições de produção do discurso do Jornal Nacional sobre o discurso do Presidente Jair Messias Bolsonaro, na Pandemia da Covid-19. Como o discurso do Presidente da República se apresentou, como reverberou e como foi apresentado, tendo em vista que as características do discurso de Bolsonaro antecedem a sua eleição em 2018. Assim como a relação de Bolsonaro com o Jornal Nacional não foi construída a partir da pandemia.

3. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO BOLSONARISMO

A análise de como o Jornal Nacional trata e apresenta as falas de Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19 nos obriga a compreender o que permeia o discurso de Jair Bolsonaro, de que ele é constituído, como ele reverbera em seus apoiadores e quais os sentidos que ele provoca. Analisamos como aquelas palavras ditas por um sujeito, em determinado contexto, ecoam na sociedade, como elas fazem sentido a partir disso, como elas são retratadas e, principalmente, como elas produzem efeitos de sentido para o telespectador.

Além disso, compreendemos que as falas de Bolsonaro, enquanto chefe de Estado, durante uma pandemia mundial, são reflexos e continuação de todas suas crenças e preconceitos que, desde que se tornou político em 1990, sempre estiveram presentes em seu discurso. Bolsonaro nunca deixou de falar sobre o que pensa, mesmo quando a sua opinião contraria a lógica, a legalidade ou é baseada em dados irrealis.

Neste trabalho, temos duas posições-sujeito fundamentais para a análise, em primeiro plano o Presidente da República durante a pandemia e, em segundo plano, o Jornal Nacional e a reprodução sobre esse discurso de Bolsonaro. Ambos se inscrevem em uma determinada posição ideológica, que em alguns momentos convergiram e durante a pandemia se distanciaram. Ambos defendem e propagandeiam seus interesses, no caso de Bolsonaro é gritante. Já no meio midiático, esses interesses são defendidos de maneira que não fique gritante e coloque em risco a posição de imparcialidade e neutralidade que garante o prestígio e confiabilidade no telejornalismo.

Como todo sujeito, o jornalista, ao formular o seu dizer, o faz sempre a partir de uma posição ideológica, inscrevendo-o no já-dito, de modo que ele produza efeitos de sentidos para os sujeitos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas, mas sempre em relação a outros dizeres (DELA-SILVA, 2013, p. 02).

Bolsonaro, além de se apresentar exaltando o fantasma da Ditadura, chegou a criticar os militares, responsáveis por centenas de mortes e desaparecimentos, por ter “torturado ao invés de matar os perseguidos políticos”. Ele evoca o fantasma do fascismo italiano, dando-lhe características novas, que podemos denominar como neofascismo ou bolsonarismo. Boito Junior caracteriza Bolsonaro e seu discurso como neofascismo, entretanto o regime permanece sendo democrático, mesmo que cada vez mais frágil. “No Brasil atual, existe um movimento neofascista, um governo que conferiu a quadros políticos neofascistas postos chaves do Estado,

mas o regime político vigente ainda é democrático, apesar de ser uma democracia em crise e em gradativa deterioração” (BOITO JUNIOR, 2018, p. 6).

3.1 O Capitão-presidente

Jair Messias Bolsonaro, antes de chegar ao posto máximo no Legislativo brasileiro, de Presidente da República, fez parte do Exército Brasileiro e chegou ao posto de capitão. Contudo, em 1987 foi expulso por insubordinação e deslealdade aos seus superiores, chegando a ficar detido por 15 dias. Com a saída, iniciou a carreira política no mesmo ano como vereador pelo Rio de Janeiro. Em 1990, foi eleito deputado federal, cargo que ocupou até se tornar presidente do Brasil, tendo sete mandatos consecutivos.

Projetando-se como defensor da moral, dos bons costumes e da família, Bolsonaro já garantiu que três de seus cinco filhos entrassem na política e foi acusado de usar a máquina pública para blindar sua prole. Seus filhos são conhecidos por números; o 01 é o senador Flávio Bolsonaro; o 02, vereador Carlos Bolsonaro; o 03 é o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Todos eleitos pelo estado do Rio de Janeiro. O 04, Jair Renan, se prepara para entrar na política mas já é alvo de investigação por possível tráfico de influência e lavagem de dinheiro.³

Durante a carreira, passou por oito partidos políticos: PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP (este foi o partido que passou mais tempo, cerca de 10 anos), PSC e por último o PSL. Após dois anos sem partido, Bolsonaro se filiou recentemente ao PL em grande evento. É conhecido por seus posicionamentos controversos e ofensivos, saudoso da Ditadura Civil-Militar e pouca atuação concreta dentro do Congresso, durante os sete mandatos consecutivos, Bolsonaro só conseguiu aprovar dois Projetos de Lei: um que prorroga os benefícios de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) concedidos aos setores de informática e automação; e outro que permite o uso de uma substância chamada fosfoetanolamina sintética em pacientes acometidos de câncer.

A sua depreciação pelo que é considerado como “minorias” (as mulheres, negros e negras, indígenas e comunidade LGBTQIA+) sempre foi escancarada. Nos anos 1990, durante

³ Bolsonaro ainda tem mais uma filha, a caçula Laura Bolsonaro de apenas 11 anos, fruto da sua relação com a primeira-dama Michele Bolsonaro. Em 2017, ao falar dos filhos, ele afirma que após ter quatro filhos homens “deu uma fraquejada” e veio uma filha mulher. Na época desta declaração, Laura tinha apenas sete anos. Em novembro deste ano, reportagem da Folha de São Paulo denunciou a troca de status do Presidente no Exército Militar para que a menina fosse matriculada em Colégio Militar, sem passar por processo seletivo. Bolsonaro até então era um capitão reformado e passou a ter o status de capitão da reserva, o que lhe dá um vínculo ainda ativo. Além disso, o processo de matrícula de sua filha corre em sigilo enquanto durar seu mandato.

uma entrevista ao programa Câmara Aberta, o político afirmou que não dá para mudar nada através da política e que por ele, o Congresso seria fechado pelos militares.

Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, no dia em que partir para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez. Matando uns 30 mil, começando pelo FHC, não deixar ele pra fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente (BOLSONARO, 1999).

Essa fala não faz parte do nosso *corpus*, mas consideramos importante trazê-la para exemplificar que, apesar de fazermos o recorte dos discursos durante a pandemia, o discurso de ódio e inflamado sempre fez parte da vida política do Presidente, com características neofascistas. A tranquilidade em que ele verbaliza o que a sociedade já determinou como inaceitável (muitas vezes inconstitucional, ilegal) fez com que muitos se identificassem com ele e o tornou representante dos também saudosos pela Ditadura Militar, dos homofóbicos, racistas e machistas. Freda Indursky em seu ensaio faz um apanhado das características desse discurso e em como ele mobiliza apoiadores e seguidores.

Seu tom de voz é sempre duro, áspero, beligerante e representa a voz de comando que, em seu imaginário, remete ao ditador que deseja ser. Aparentemente espelha-se na entonação e expressão facial bem como no olhar igualmente duro de Hitler e Mussolini que são, ao que tudo leva a crer, seus modelos políticos (INDURSKY, 2020, p. 8).

Esse discurso inflamado, ofensivo e por muitas vezes, sem lastro na realidade fez com que Bolsonaro chamasse a atenção de uma parcela de brasileiros que até então mantinham o seu preconceito num raio de estrago menor. Aos poucos se fundiram e se tornaram um movimento: o bolsonarismo, com características do fascismo italiano, como a propagação de um inimigo que precisa ser exterminado. No caso brasileiro, a esquerda.

Ao assumir a Presidência, Bolsonaro manteve o tom agressivo, mas foi pressionado para que o reduzisse em alguns momentos para seguir com a agenda dos seus apoiadores e agradar os Estados Unidos da América, representado na figura de Donald Trump. Ataques à Educação e à Soberania Nacional marcaram os dois primeiros anos de seu mandato e o seu ódio a todo elemento que ele considere ser de esquerda. “Esse governo é representante, prioritariamente, do capital internacional, elegeu-se pelo voto popular, conta com o apoio das Forças Armadas e tem um inimigo principal claramente designado – a esquerda – que unifica suas fileiras” (BOITO JÚNIOR, 2018, p. 13).

3.2 A sustentação do discurso de Bolsonaro: *fake news* e o vazio

Em 2016, o mundo pôde acompanhar o desenrolar da campanha eleitoral dos Estados Unidos em que Donald Trump usou de notícias falsas como um dos pilares de sua campanha, tendo Steve Bannon⁴ como seu estrategista. É nesse cenário que Bolsonaro cresce e ganha notoriedade, a comunicação hegemônica tendo que lidar com notícias falsas e o cenário político sendo moldado a partir desses disparos de notícias que se tornaram parte do jogo político como ferramenta de campanha.

A disseminação de *fake news* foi vivenciada no Brasil dois anos depois, nas eleições à Presidência do Brasil, Bolsonaro fez uso da mesma estratégia e convenceu parte da população que existia um risco iminente para famílias e crianças caso o candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad fosse eleito. A tática era de espalhar notícias via *Whatsapp*, como o uso do chamado kit gay na escola e mamadeira de órgão sexual. Ambas absurdas e falsas, mas apelativas no quesito familiar, de preservação dos considerados bons costumes.

Notícias falsas não são uma novidade na comunicação. Entretanto, a forma como elas estão sendo utilizadas ainda é um novo território de estudos. Uma das definições possíveis para o termo é de que são ferramentas para alterar o jogo político intencionalmente.

O termo *fake news* denomina a produção e propagação massiva de notícias falsas, com objetivo de distorcer fatos intencionalmente, de modo a atrair audiência, enganar, desinformar, induzir a erros, manipular a opinião pública, desprestigiar ou exaltar uma instituição ou uma pessoa, diante de um assunto específico, para obter vantagens econômicas e políticas (Galhardi, et al. 2020, p. 4203).

Os economistas Hunt Allcott e Matthew, em estudo sobre os impactos das *fake news* na eleição de Trump, determinaram duas motivações para que essas notícias se espalhem:

A primeira é pecuniária: artigos de notícias que se tornam virais nas mídias sociais podem gerar receita de publicidade significativa quando os usuários clicam no site original (...). A segunda motivação é ideológica. Alguns fornecedores de notícias falsas procuram apresentar os candidatos que eles favorecem (ALLCOTT; GENTZKOW. 2017, p. 217).

⁴ Steve Bannon foi estrategista da campanha de Trump e responsável pelo uso de *fake news* como estratégia de campanha. Ficou conhecido por chefiar a *Cambridge Analytica*, empresa que captava dados de usuários do *Facebook* e transformava em conteúdos direcionados a determinados grupos através do *Whatsapp* com o intuito de interferir nas eleições americanas de 2016. A estratégia foi copiada dois anos depois pela campanha de Bolsonaro, Bannon tornou-se uma espécie de guru para o bolsonarismo, chegando até a ser conselheiro de Eduardo Bolsonaro, filho do presidente Bolsonaro.

Isso mostra que além de movimentar grandes quantias de dinheiro, as *fake news* mexem com o senso comum e atingem as crenças das pessoas. No caso brasileiro, o projeto “Escola sem Homofobia” foi deturpado e transformado em um kit desenvolvido para estimular as crianças a se relacionarem entre o mesmo sexo. O próprio Bolsonaro usou uma sabatina no Jornal Nacional para espalhar essa notícia falsa. A maneira como é colocada para a sociedade é de deixar a população em estado de alerta, de modo que confie em quem está falando e rechace o que seria inimigo.

O objetivo é o de instalar o medo com o uso de mecanismos de manipulação e uma das mais eficazes estratégias é infundir medo, apontar os culpados e se apresentar como solução. É desta forma que têm funcionado os discursos do presidente e de outras vozes que corroboram com a sua, como de seus filhos enquanto figuras públicas e políticas e a de seu guru filosófico, como Jair Bolsonaro mesmo o denomina, Olavo de Carvalho (SILVA, 2020. p. 42).

Desde que assumiu, Bolsonaro tem atacado os grandes veículos de comunicação, colocando em xeque a credibilidade dos mesmos. Ao mesmo tempo, tem esvaziado os espaços com os meios de comunicação, é nas redes sociais que Bolsonaro se sente à vontade para falar tudo que pensa e disseminar conteúdos controversos. Nas *lives* diárias, Bolsonaro quebra a interlocução com a mídia e faz ele mesmo o diálogo direto, dando a sensação de proximidade aos seus seguidores. Esse movimento endossa a desconfiança nos meios de comunicação, fazendo com que as notícias falsas se espalhem de maneira mais rápida.

O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se vêm reduzidos diante de opiniões pessoais. O trabalho com os dados de um acontecimento passa a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (ROCHA, et al. 2018. p 4).

A maneira como essas notícias são apresentadas, seja através de colocar em estado de alerta ou de medo ou de maneira jocosa, reflete um desafio para os meios de comunicação hegemônicos. As críticas ao fazer jornalismo dessas grandes empresas sempre existiram, mais ligadas ao campo da esquerda, pelo apoio à ditadura militar, a forma que apresentavam o então presidente Lula. Os coronéis da mídia que detêm grandes oligopólios de comunicação nos estados já foram expostos e escrachados. Agora, em um novo contexto, os ataques que estas empresas recebem são, em sua maioria, estimulados pela direita e o conservadorismo. Bolsonaro se coloca neste cenário como boicotador principalmente da Rede Globo de

Televisão, tecendo críticas, atacando os jornalistas desta rede e desqualificando o que é produzido pela emissora.

3.3 O Atleta-presidente

Além do período eleitoral, outro momento em que ficou evidente que as informações passadas pelo presidente eram de origem duvidosa, sem embasamento científico ou sem rastro na realidade foi a pandemia da Covid-19.

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia com proporções mundiais que afetou a todos os países. O mundo já atingiu a marca de 5 milhões de vidas perdidas em decorrência do vírus, esse número ainda segue aumentando.

Nos primeiros meses, as informações que se tinham sobre o vírus, como ele se propagava e como combatê-lo eram escassas. Isso fez com que a maneira que cada Chefe de Estado lidou com o vírus fosse determinante para tentar conter os impactos sobre a população.

Estudos do início da pandemia que analisaram as medidas que os países adotaram para o seu controle comprovaram que o isolamento social e o uso de máscaras eram, até então, as iniciativas mais eficazes, logo se tornaram recomendações básicas da Organização Mundial de Saúde. E, principalmente, a ação rápida na tomada de decisões.

Bolsonaro tomou caminho diferente, seguindo mais uma vez o discurso de Donald Trump, minimizou o impacto que o vírus poderia ter na sociedade, chamando-o de gripezinha; esbravejou contra o isolamento social, tentou impedir que governadores e prefeitos adotassem medidas que ele deveria ter tomado. Em suas aparições no Palácio da Alvorada ou em aglomerações provocadas por seus apoiadores não usava máscara e mantinha contato direto com a população sem nenhum cuidado.

As vacinas contra a Covid-19 só começaram a ser aplicadas no Brasil em 2021, através do Governo de São Paulo, pois diversas vezes quando questionado sobre a vacina, Bolsonaro depreciava a eficácia da vacinação. Mesmo com a relutância de Bolsonaro e as notícias controversas sobre a vacina produzida em parceria com laboratórios chineses, por exemplo, os números de óbitos reduziram e atualmente 80% das vítimas letais no Brasil são pessoas que não tomaram a vacina. Bolsonaro dificultou a compra de doses e ao falar da vacinação em massa, pregava a liberdade, que cada cidadão deveria decidir se tomava a vacina ou não. Além disso, até então ninguém tem certeza se o presidente já está vacinado contra a Covid-19, pois em janeiro de 2021 o Planalto determinou o sigilo de 100 anos no cartão de vacinação do Bolsonaro.

A pandemia escancarou a ineficiência do governo Bolsonaro, o país continua liderando os rankings de mortes em todo o globo. Nesse período delicado, Bolsonaro intensificou o tom agressivo, desta vez ainda mais cruel, se eximindo da responsabilidade e atacando imprensa e governadores. Bolsonaro reforçou sua submissão ao então Presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, negou a ciência e debochou das mais de 100 mil vidas brasileiras perdidas.

Na contramão de tudo, o chefe máximo da nação reduziu um vírus letal a uma gripezinha e quebrou todos os protocolos de segurança recomendados pela OMS e convocou a população a fazer o mesmo com ele. Priorizou o lucro dos grandes empresários enquanto os brasileiros passavam fome. O resultado ainda é catastrófico e o país continua agonizando com consequências que já estão sendo sentidas e a perspectiva é de que os impactos perdurem.

As ações de Bolsonaro evidenciaram, durante a pandemia principalmente, sua política de morte. Mesmo que o vírus atingisse a todos, sem distinguir raça ou classe social, negros e negras mais pobres sofreram muito mais as consequências da Covid-19 e a irresponsabilidade do governo. Quando Bolsonaro disse que tinha que salvar a economia durante a pandemia, sentenciou-lhes à morte.

A essa política Mbembe denominou de necropolítica, uma política que decide quem deve morrer, quem ainda tem serventia ao Estado, quem não. A necropolítica não envolve necessariamente o poder de matar através de guerras ou ataques. A negação de direitos se torna uma forma de decidir quem vive, quem não. “Nesse caso, a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é” (MBEMBE, 2016, p. 135).

Em um dos vários momentos de conversa com imprensa e apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, Bolsonaro se mostrou despreocupado com as mortes decorrentes do vírus.

Vai morrer gente? Vai morrer gente, como tem morrido algumas pessoas. Teremos uma crise maior? poderemos ter. Tem vacina? Não! Tem remédio? comprovadamente ainda não. Mas temos um outro problema, o desemprego e tem que ser tratado com igual responsabilidade. O vírus e a questão do desemprego (BOLSONARO, 2020).

Bolsonaro ao dar a resposta ao repórter quando questionado, se mostra impaciente com o tema dos impactos da pandemia. Para ele, a morte de um brasileiro seria apenas uma consequência, inevitável e sem tanta importância como a economia, que essa sim é cara para o presidente da República. Bolsonaro não quer falar sobre o contágio ou a contenção do mesmo, quer falar sobre a economia.

Outra coisa que chama a atenção da fala de Bolsonaro nesse dia é a maneira como trata a economia. Ele se direciona a um público específico ao falar do desemprego, se mostrando preocupado com os desempregados do Brasil. “Aquele povo que tá na informalidade, 38 milhões, em grande parte já perdeu seus empregos, não tem o que levar mais pra casa” (BOLSONARO, 2020).

Essa fala de Bolsonaro realça uma das características do seu discurso: ele se direciona para as massas, se mostra preocupado com as demandas do povo, afinal o Brasil é um país que tem um mercado informal marcado pela precariedade. No momento em que Bolsonaro fala sobre as pessoas que “não tem o que levar mais pra casa”, ele sensibiliza, ele se mostra compadecido com a situação destes 38 milhões de brasileiros. Ele se distancia do posto que ocupa, apaga que é o presidente do Brasil e responsável por definir a economia do Brasil junto ao ministro da economia nomeado por ele. Quando Bolsonaro fala isso, ele apaga todas as medidas que ele já tomou que são prejudiciais aos trabalhadores, apaga que queria um auxílio emergencial de R\$ 200 para ajudar aos trabalhadores desempregados durante a pandemia, apaga que defendeu que os patrões tivessem a possibilidade de reduzir seu quadro de funcionários para poupar gastos.

Outro momento da pandemia em que Bolsonaro desinformou a população, colocando-a em risco foi durante o primeiro pronunciamento oficial enquanto presidente, no dia 24 de março de 2020. Neste dia, o país já contabilizava 47 mortes e 2271 casos. Bolsonaro afirmou, sem dizer de que estudo ou qual especialista consultou para obter essa informação que:

Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde (BOLSONARO, 2020).

Em 18 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde já havia afirmado que adultos saudáveis podiam desenvolver o quadro mais grave do vírus e vir a óbito. Bolsonaro sem ter nenhuma formação na área afirmou categoricamente que a população não precisava se preocupar com o vírus, apresentou até um dado sem apresentar nenhuma comprovação do mesmo. Ao assumir essa postura, ele autoriza que a população tenha a mesma, que não se preocupem com o vírus, não precisa tomar tantas medidas de cuidado, levando aos cuidados recomendados pela OMS serem vistos como exacerbados.

Bolsonaro caracteriza a pandemia como uma gripezinha e mesmo com as evidências de que não é isso, Bolsonaro segue minimizando. Diminuir o poder de estrago do vírus é também

diminuir a sua responsabilidade sobre ele. Enquanto ele fala que não precisa se preocupar, não precisa usar máscara, não precisa fazer isolamento. Bolsonaro estimula a propagação do vírus ao mesmo tempo em que não se compromete em fazer algo para conter o vírus.

No mesmo pronunciamento, Bolsonaro se colocou como exemplo; assim pessoas saudáveis não precisariam se preocupar, pois nelas o vírus se manifestaria mais fraco que um resfriado.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (BOLSONARO, 2020).

Com isso, ele autoriza as pessoas que são como ele, com histórico de atleta, a não se preocuparem com o vírus. A fala de Bolsonaro é irresponsável, pois como representação maior do Brasil, as pessoas tendem a seguir suas orientações e em um momento que as informações são dispersas e por se tratar de um evento em que ninguém esperava ou sabia lidar, no momento em que o presidente da república minimiza os riscos, a população confia, até para se tranquilizar.

O “conhecido médico daquela conhecida televisão” que Bolsonaro menciona é o doutor Dráuzio Varella. No dia 22 de março do mesmo ano, dois dias antes desse pronunciamento, perfis de apoiadores dispararam um vídeo de 30 de janeiro de 2020, em que Drauzio Varella comenta sobre o vírus que ainda não tinha se propagado mundialmente e diz que ainda não é preciso mudanças drásticas na rotina. O fato é manipulado para que pareça atual e concorde com o discurso de Bolsonaro da época e que de alguma forma autorize o que está sendo dito por ele. Além disso, ao se referir ao médico e a TV Globo desta forma, ele também deixa evidente que não quer dar esse espaço a eles em seu discurso.

O vídeo em questão não repercutiu apenas por redes de apoiadores desconhecidos. O então ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, e o filho de Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro, também divulgaram em suas redes sociais. O próprio Dráuzio Varella veio a público desmentir Bolsonaro e pedir que a população tome os cuidados e não minimize os efeitos do vírus. A equipe do médico retirou o vídeo do ar por ser desatualizado e para que não confunda a população. Em vídeo, o médico fala da dinamicidade de uma epidemia e que novas orientações devem ser seguidas.

Segundo o site de checagem de notícias *Aos Fatos*, até o dia 22 de março “a desinformação já angariou mais de 42 mil compartilhamentos em redes como Twitter e

Facebook, além de ter sido marcada com o selo FALSO na ferramenta de verificação desta última plataforma” (NALON, 2020).

4. O FAZER TELEJORNALISMO BRASILEIRO: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO DO JORNAL NACIONAL

Além das condições de produção do discurso de Bolsonaro, é importante resgatar também as condições de produção amplas e restritas do discurso jornalístico, especificamente do Jornal Nacional. Como o JN foi concebido ao longo da história e os sentidos que ele reverbera para o jornalismo, sendo referência de telejornal brasileiro, para os telespectadores, fazendo com que a Rede Globo ocupe o primeiro lugar de audiência no horário em que é televisionado⁵, assim fazendo com que esse horário seja disputado pelos anunciantes, que abordaremos um pouco mais a frente.

Nos propomos a analisar os efeitos de sentido do discurso de Bolsonaro dentro do Jornal Nacional, como ele é apresentado, como ele reverbera e o que ele representa. Ou como Gaia (2010) coloca: “O discurso jornalístico traz em si mesmo distintos momentos: o de constituição, a interação entre o sujeito e a língua e a sua circulação, que especificamos como as condições de produção nas quais o discurso foi gerado” (GAIA, 2010, p 39).

Ou como pontua Moreira em sua dissertação sobre o Memória Globo, a linguagem jornalística é impessoal e objetiva: “Como se fosse apenas uma técnica narrativa a ser aplicada, a partir de determinadas regras e normas estabelecidas pelos veículos, como se o sujeito-jornalista fosse um meio para reproduzir os fatos.” (MOREIRA, 2016, p 23).

Essa característica de várias etapas do discurso jornalístico faz com que ele seja ainda mais rico para Análise do Discurso, no sentido de desvelar tudo que está posto como natural. Dentro dos manuais de redação, ou até mesmo nas principais bibliografias do tema, o discurso jornalístico é constituído para ter uma única interpretação: aquela direcionada por seus editores, que por sua vez segue as diretrizes dos interesses econômicos dos grupos que controlam as empresas de mídia e de quem os patrocinam, “uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma” (Squarisi, 2005, p. 48).

O acontecimento jornalístico, que faz com que ele seja passível a se tornar notícia, uma interpretação do fato, que parte da ideologia e dos interesses de quem a faz, “a imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que eleger como de destaque em um momento dado” (DELA-SILVA, 2008, p. 16).

⁵ Desde a sua criação, em 1969, o Jornal Nacional ocupa o primeiro lugar em audiência nas pesquisas do IBOPE. Em épocas com altos números, outras com a diferença pouca, mas há 52 anos no primeiro lugar.

O acontecimento discursivo se relaciona com o acontecimento jornalístico, pois o mesmo permite a quebra de discurso para investigar os silenciamentos, como os dizeres se relacionam, permitindo novos sentidos e novos gestos de interpretação. Como foi evidenciado por Dela-Silva, o acontecimento discursivo “pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra” (DELA-SILVA, 2008, p. 17).

4.1 O Jornal Nacional: nascimento no seio da Ditadura Militar

O telejornalismo cumpre, além dos interesses econômicos e ideológicos, o papel de condensar tudo que aconteceu naquele dia para o telespectador, que por muitas vezes tem aquele telejornal como única fonte do que se passa no mundo. O telejornal, produto final do telejornalismo, foi definido por Moreira (2016) por ter “características próprias e evidentes, com apresentador ou apresentadores em estúdio, anunciando notícias relacionadas predominantemente aos fatos mais recentes” (MOREIRA, 2016, p. 63).

Dentro do telejornal há uma lógica a ser executada para que as notícias façam sentido para quem o assiste. Assim, ao longo dos anos, foram se estabelecendo regras a serem seguidas, que referendam a imagem do telejornal e protegem os interesses financeiros, políticos e editoriais. Becker caracterizou esse fenômeno como telejornalismo de qualidade:

Nos discursos midiáticos e também na programação das redes, os telejornais ocupam lugares estratégicos, vendem credibilidade e atraem investimentos. Além disso, promovem uma experiência coletiva e cotidiana de nação. Ao representar os fatos sociais, constituem a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais (BECKER, 2006, p. 06).

Essa lógica construída é feita para condensar os interesses dos donos da mídia e apresentar um molde de notícias que seja a retratação da realidade para o público. “A mídia cria diariamente a sua própria narrativa e apresenta aos telespectadores – ou aos leitores – como se essa narrativa fosse a própria história do mundo. Os fatos, transformados em notícias, são descritos como autônomos, completos em si mesmo” (ARBEX JÚNIOR, 2001, p 103).

O telejornalismo se firmou no Brasil a partir da relação de troca com quem detém o poder. Com isso, a informação se tornava uma moeda valiosa, pois toda a sociedade a consome. Podendo ser usada para favorecer ou desmerecer aquele que atendia ou não os seus interesses. Dos que se tornavam aliados, os interesses passavam a ser em comum.

Compreendemos que o fazer jornalismo ultrapassa a notícia, é sobretudo um mercado que tem a publicidade como peça fundamental e prerrogativa para que os veículos de imprensa funcionem. A relação da mídia com o público e os anunciantes, aqui divididos entre público e privado, bem como seus interesses é uma equação que os veículos tentam harmonizar. Bolaño fala sobre o relacionamento e o dilema enfrentado pela imprensa na sua obra sobre o mercado de televisão no Brasil. “As emissoras de televisão ficam no centro de um dilema, tendo de atentar, de um lado, para as empresas, as agências e os anunciantes, que têm um objetivo específico em relação ao público, e, de outro lado, o governo, cujo interesse é absoluto” (BOLAÑO, 2016, p. 42).

Aqui nos interessa, em particular, a relação da mídia com o governo, mais especificamente da Globo com a esfera pública e em como esse vínculo reverbera na produção jornalística. Ramires (2012) aponta que essa simbiose de troca, favorecimento e parceria entre veículos de comunicação e o Estado, enquanto detentor do poder, vem desde a ditadura militar e se tornou uma prática mantida até hoje, na democracia.

Ao se analisar a história escancara-se o modo como essas empresas foram utilizadas a serviço deste ou daquele governo – notadamente a complacência com a Ditadura Militar – e, posteriormente, já em períodos de eleições democráticas, no apoio a candidatos, no silenciamento de outros que não interessavam ao grupo, além da veiculação de notícias, debates e opiniões que favoreceram candidaturas e grupos políticos (RAMIRES, 2012, p. 46).

Essa conexão fica mais evidente com o surgimento do Jornal Nacional. Que desde o seu surgimento se coloca para ser o primeiro e isso jamais seria possível sem o apoio do Estado.

As Organizações Globo fizeram um compilado da sua história disponível na internet desde 2008, o Memória Globo, nele a trajetória do telejornal é contada e é de lá a definição do Jornal Nacional que utilizamos neste trabalho.

O Jornal Nacional é o principal telejornal em rede da Globo. Tem cerca de 45 minutos de duração e faz a cobertura completa das principais notícias no Brasil e no mundo. Pautado pela credibilidade, isenção e ética, e apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos, o *JN* é líder de audiência no horário nobre. Criado em 1º de setembro de 1969, tornou-se o primeiro telejornal do país a ser transmitido em rede nacional (MEMÓRIA GLOBO, 2013).

O telejornal em horário nobre⁶ da TV surge em 1969, quatro anos após a fundação da Rede Globo (que ocorreu em 1965), e competia diretamente com o telejornal da TV Tupi, o

⁶ O horário nobre é considerado o período de 18h a 22h, em que a programação tem novelas e telejornais e é o horário em que culturalmente os brasileiros estão chegando em casa do trabalho e assistem aos programas, por isso, o horário nobre é o mais cobiçado e mais caro em termos de publicidade.

Repórter Esso, tendo a pretensão de ser o primeiro de tornar a emissora a primeira rede de televisão no país. (MEMÓRIA GLOBO, 2013)

Surgindo no auge da Ditadura Militar, em que a censura cerceava o direito à informação, escondia o que acontecia dentro dos DOPS e DOI-CODI.⁷ A Rede Globo contou com o apoio dos militares em poder para conseguir realizar a façanha a qual se propunham, essa aproximação com os que detinham o poder da época foi marcante e crucial no surgimento da rede de televisão e um dos fatores que permitiram que hoje a emissora fosse o modelo a ser seguido. “No Brasil, as Organizações Roberto Marinho têm reconhecidamente uma aproximação com o poder desde o início de suas atividades e a Rede Globo de Televisão materializam essa proximidade.” (RAMIRES, 2012, p. 38)

A relação entre os militares e as Organizações Roberto Marinho era de interesse mútuo, a Rede Globo ganhava mais espaço e os militares ganhavam a chance de ter um espaço também em que pudesse apresentar os feitos da ditadura enquanto escondiam os corpos torturados e assassinados nos porões do DOPS e DOI-COD.

Os militares acreditavam que os veículos de comunicação, principalmente a televisão e o rádio, eram fundamentais para o projeto de poder que tinham para o país. Nesse sentido, a criação do Jornal Nacional fez parte de um projeto político-empresarial da emissora apoiado diretamente pelo Estado que viabilizou a infraestrutura para a formação das redes televisivas (atendendo aos interesses da emissora) e a difusão de uma imagem única do país (conforme a estratégia dos militares da época) (MOREIRA, 2016, p 11).

Entretanto, nos arquivos disponibilizados pelo Memória Globo, a relação de parceria mútua com os militares é invisível, parecendo até que nunca existiu, ficando apenas os registros de vezes em que a censura atuou contra o telejornal.

Quando a Rede Globo decide fazer um material de memórias, que tem como objetivo guardar e divulgar a história daquele grupo, e ela opta por apagar a relação cordial mantida com os ditadores, colocando apenas os ataques de censura que o telejornal sofreu, ela conta uma nova história, desta vez recortada. Essa relação é silenciada.

Para a Análise do Discurso, esse silenciamento não é apenas uma seleção de caráter editorial. Mesmo deixando de contá-la, ela ainda é contada. Pois, o discurso não é somente do que é dito e do não dito, conceituados anteriormente, mas também dos silêncios que têm sentido

⁷ Departamento de Ordem Política e Social; Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna, respectivamente. O DOPS existia desde 1924, período anterior à ditadura militar, sendo extinto em 1983. O DOI-CODI foi um departamento criado no regime militar para combater o que era considerado perigo à segurança nacional. Ambos se tornaram o cenário de caça a militantes e de tortura durante os anos da ditadura militar no Brasil.

próprio. Segundo Orlandi, “quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o ‘pensamento’, a introspecção, a contemplação” (ORLANDI, 2007, p. 35). Ou seja, não está no Memória Globo, a recordação oficial da Rede, a ligação com a ditadura, mas ela existe e grita dentro desse silêncio, sendo parte fundamental da história.

Ao silenciar e contar apenas uma parte da história, a Rede Globo sai do campo de aliada da ditadura e passa a estar no campo dos mesmos jornais que foram censurados durante o período. Em 2013, nas manifestações de junho mais especificamente, a Rede Globo chegou a inserir no Memória Globo uma “confissão” de que de fato teve relações próximas com os militares, pois era insustentável negar diante dos protestos que tinham como uma das palavras de ordem “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura”. Mas, pouco tempo depois foi retirado do ar.

Outra característica relevante do Jornal Nacional é o modo de produzir a notícia que fez com que o telejornal se tornasse referência de jornalismo, um padrão de qualidade a ser seguido e reproduzido, por suas emissoras filiadas e afiliadas. Incorporado também pelas suas concorrentes, até para que se possa de fato competir com a Rede Globo.

(...) foi estabelecida uma grade de programação que vigora até hoje, transformando-se em modelo também para emissoras de outros grupos empresariais de comunicação. A Rede Globo estabelece o chamado “Padrão Globo de Comunicação”. Muitas vezes, era apenas uma supremacia tecnológica em relação às demais. Supremacia essa adquirida com a proximidade do poder” (MOREIRA, 2016, p. 60).

É a relação com os militares que abre o caminho para que a TV Globo consolide o Jornal Nacional e estabeleça o padrão de qualidade também tratado por Bolaño. Após se firmar com a audiência, ela passa a se preocupar em enraizar o modo de fazer telejornal, estabelecendo o Padrão Globo de Qualidade. Bolaño (2016) explica como o padrão de qualidade também favorece na manutenção do primeiro lugar de audiência.

Consolidada a posição de líder absoluta do período, sua estratégia principal deixa de ser a busca de um espaço significativo na audiência preexistente e passa a ser moldar e “qualificar” essa audiência. Isso significará, para a Globo, a adoção de uma filosofia de atuação caracterizada pelo “Padrão Globo de Qualidade”. É sob a égide desse padrão que se consolida a brutal concentração de audiência em favor da rede globo, o qual norteou todo o processo de implantação e de consolidação de uma grande rede nacional, a conquista e a integração de todos os mercados locais e, finalmente, a busca do mercado internacional de televisão (BOLAÑO, 2016, p. 139).

Destacamos dentro desse fazer jornalismo da TV Globo, bem como do Jornal Nacional, alguns elementos do funcionamento são necessários trazer para auxiliar na análise das sequências discursivas.

O telejornal tem início com o apanhado de notícias do dia, dando destaque aos principais temas ou assuntos que são mais interessantes para a empresa de comunicação. Esse apanhado é conhecido como escalada que, segundo Moreira (2016) são “manchetes que abrem a edição do telejornal e que tentam despertar o interesse do telespectador com uma locução ágil, ritmada” (2016, p. 72).

Em algumas edições, além da escalada, há a leitura do editorial do jornal. É o momento em que a empresa de comunicação apresenta a sua opinião, através dos seus âncoras. Neste trabalho, destacamos dentro do *corpus* selecionado a edição de **23 de março de 2020**, em que a Rede Globo faz o seu pronunciamento sobre a pandemia. É uma conversa com o telespectador, Bonner e Renata passam a mensagem de calma, da importância de seguir as recomendações internacionais, indo de encontro com todas as recomendações do Presidente e assumindo uma posição de referência para a população. Esse editorial é marcante dentro da linha cronológica da construção da narrativa da pandemia no Brasil, pois até então os pronunciamentos de Bolsonaro em veículos de comunicação⁸ sobre a pandemia apenas descredibilizava a ciência. No momento em que a pandemia já afligia boa parte da população, era o Jornal Nacional que falava diretamente ao público.

Desde o começo do jornal até a hora em que os créditos sobem, o telejornal é construído e marcado a partir da linha editorial construída pelos interesses da empresa.

A mídia é um instrumento de poder e só veicula informações cujos interesses não colidam com a política editorial. É, então, obedecendo à linha editorial (política ideológica de seleção do conteúdo) que as notícias ganham um direcionamento, e esse direcionamento está vinculado a questões político econômicas, que incluem financiadores do veículo e forças políticas em jogo (PIMENTEL, 2010, p. 12).

É a representação concreta do que é importante para os donos e para os que se aliam a eles. Contudo, o jornal é montado para que essa linha editorial não fique explícita para o telespectador.

⁸ O pronunciamento em rede aberta de televisão e rádio é uma das ferramentas utilizadas de diálogo com a população. Normalmente é feito pelo Presidente da República, ou seus ministros a depender do tema do pronunciamento, tem como função comunicar alguma decisão, falar em datas comemorativas como natal, dia do trabalhador. Apesar de negar espaços como este e apostar em pronunciamentos feitos em seu próprio canal de comunicação, como as redes sociais, Bolsonaro fez alguns durante a pandemia e que serão analisados ao longo deste trabalho.

Assim, entendemos que a linha editorial é a representação da forma-sujeito do discurso, o eixo ideológico que norteia os sentidos. No entanto, esse gesto de interpretação é velado, na tentativa de expor uma almejada “objetividade jornalística”, em que os fatos falariam por si, produzindo um efeito de evidência, uma ilusão de transparência de sentidos (MOREIRA, 2016, p. 73).

No telejornalismo, a pessoa que transmite a linha editorial da empresa costuma ser o apresentador. Seu discurso é construído para convencer o telespectador e com isso estabelecer uma relação de confiança com o público, o que garante a credibilidade do programa. Dentro dos manuais de telejornalismo é possível encontrar sobre o papel do âncora do ponto de vista técnico. Barbeiro (2002) caracteriza o âncora como a peça chave que acompanha toda a produção do jornal, o que o torna na maioria das vezes o editor-chefe do telejornal.

O âncora é o apresentador que acompanha e participa do processo de confecção do telejornal em todas as suas etapas. Deve acompanhar a evolução das notícias durante todo o dia, estando ou não na redação. É isso que o distingue de quem apenas grava o off e lê o script. Essa participação ativa, em uma ou mais etapas da produção do telejornal, faz com que em muitos casos o âncora seja também o editor-chefe do telejornal. (BARBEIRO, 2002, p. 85)

Para os que estudam o telejornalismo na perspectiva da AD, a função do apresentador, bem como do editor chefe, vão além. Toda a produção do telejornal passa por ele, ele é o guardião dos interesses da empresa, é ele que garante que esses interesses não sejam percebidos pelo público, tornando o telejornal apenas um apanhado de notícias que são do interesse do público, que estão à serviço da população.

São os vários ‘filtros’ do processo jornalístico que vão apurando as notícias e exibindo apenas aquilo que não contrarie a orientação posta na linha editorial. Essas notícias são materializadas nos telejornais através da participação efetiva dos apresentadores, jornalistas que falam diretamente com o telespectador, criando uma relação de “intimidade” com estes; são eles que “entram” diariamente na casa do telespectador. (MOREIRA, 2016, p. 66)

O editor-chefe é o mediador entre o público e os donos da mídia. Para os manuais, é o defensor do telespectador na hora de selecionar as notícias, para que o público tenha acesso ao que aconteceu. Caracterizando-o como um sujeito neutro e alheio ao processo.

Aqui defendemos a concepção dos analistas do discurso que conceituam o editor-chefe como peça fundamental e aliada dos empresários. É através dele que as ideologias defendidas e construídas pelos veículos são apresentadas disfarçadamente para o público.

Ao considerarmos a posição do editor-chefe quando destaca que quanto mais complexo um assunto, maior a probabilidade de ser tratado numa reportagem

maior, com um repórter que a conduza, chegamos à compreensão de que são as escolhas de uma editoria telejornalística que elege as prioridades, que produz e estabiliza sentidos no movimento do espelho, partindo-se de uma determinada posição. É o discurso jornalístico aparecendo como uma forma de legitimar as formações ideológicas da empresa-Globo, tais como: tentando “democratizar” a programação ao mostrar uma diversidade de assuntos abordados (MOREIRA, 2016, p. 89).

A estrutura do telejornal é fonte para a Análise do Discurso por ser permeada de esquecimentos e silenciamentos. É nela que podemos aprofundar a leitura de mundo das empresas de comunicação e perceber que a história muitas vezes esquecida propositalmente ao longo dos anos grita nas edições, cabe ao analista desvelar.

5. BOLSONARO, PANDEMIA E JORNAL NACIONAL

Temos como recorte temporal do *corpus* selecionado para análise o início da pandemia, mais precisamente os dois primeiros meses (março e abril) em que a crise sanitária começa a se desenvolver no Brasil e a posição do presidente Jair Bolsonaro é estabelecida sobre a pandemia, bem como a posição do Jornal Nacional referente às posturas e declarações do presidente da república aqui trazidas nas escaladas das edições do telejornal e das falas dos âncoras sobre Bolsonaro.

5.1 Primeiros acontecimentos e o negacionismo como política

A Organização Mundial da Saúde iniciou o ano de 2020 alertando ao mundo sobre a possibilidade concreta de que o novo coronavírus detectado em Wuhan (China), ainda em 2019, evoluísse para uma pandemia, afetando a todos os países. No início de março, durante um encontro de líderes mundiais nos Estados Unidos, as lideranças foram questionadas sobre a então epidemia da Covid-19.

O Brasil já registrava casos de contágio, contudo a situação ainda não era considerada como transmissão comunitária (quando não se consegue determinar de onde partiu o contágio) e não havia registrado óbitos em decorrência do vírus. Esta foi a primeira vez que Bolsonaro falou sobre o tema.

A edição de **10 de março de 2020** do Jornal Nacional apresentou a fala de Bolsonaro dentro de uma reportagem sobre o mercado financeiro mundial que vivia instável com a alta do preço do petróleo. A primeira fala de Bolsonaro sobre o novo vírus foi para diminuir a pandemia e responsabilizar a imprensa pela dimensão da doença.

SD1

Obviamente, nós temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais uma fantasia, a questão do Coronavírus que não é isso tudo que a grande mídia propaga no mundo todo.

Com isso, Bolsonaro inicia uma campanha de ignorar os riscos da pandemia, as palavras histeria e superdimensionamento passam a se integrar na maioria dos discursos do presidente. A lógica de reduzir a pandemia a um resfriado, reduz também a dimensão do que ela pode causar a um país, com isso, refreia a instabilidade do mercado financeiro, que é a prioridade do momento para o chefe brasileiro.

Entretanto, no caso da pandemia, o discurso de Jair Bolsonaro colide com a realidade. Os casos do país crescem exponencialmente, fazendo com que o Brasil esteja nos primeiros lugares do ranking da pandemia. Em agosto de 2021, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e a Índia na média de mortos por hora, chegando a 72 óbitos, segundo estudo do demógrafo José Eustáquio, ex-pesquisador do IBGE. Percebe-se que Bolsonaro não faz muita questão de falar sobre o vírus e se incomoda com o tema, pois logo após ele se volta para a questão econômica da situação do petróleo e também a minimiza.

Para encerrar o assunto, ele reduz uma situação concreta (países já lidavam com mortes, iniciando restrições e isolamentos) a uma coisa abstrata, uma fantasia, quase irreal e finaliza colocando como se a pandemia só existisse pela mídia que estaria divulgando em demasiado o avanço de casos.

Um dia após essa fala, no dia **11 de março de 2020**, a OMS emite o alerta de que a Covid-19 passava a ser considerado uma pandemia mundial. Isso quer dizer que a propagação do vírus passou a ter uma escala mundial e mais de 100 países já registraram casos na data do anúncio.

Outra data importante nessa linha cronológica, é o dia **17 de março** do mesmo ano, em que o Brasil registra seu primeiro óbito como consequência do vírus. Ao decorrer desses meses pandêmicos, o Brasil registrou, até o final de 2021, 619.109 óbitos por Covid-19.

O presidente adota uma postura negacionista, indo contra os fatos, a realidade, a ciência e as recomendações sanitárias. O negacionismo presente nas falas e decisões de Bolsonaro não é apenas uma atenuação da realidade, ou até mesmo uma preocupação com que a situação deixasse os brasileiros em pânico. É uma política defendida por ele, para negar a ciência, culpabilizar a imprensa e se afastar das obrigações para com os cidadãos.

A conduta de Jair Bolsonaro “consiste em negar, confundir, agredir, ignorar, desprezar, silenciar quem quer que não esteja absolutamente de acordo com suas medidas de combate à pandemia, ou com as escolhas políticas e morais que pautam seu governo” (DUARTE, A.M.; CÉSAR, M.R. de A.. 2020, p. 9).

Essa política negacionista se correlaciona com a necropolítica, que define quem deve morrer ou viver, quem tem serventia para o sistema, tratando pessoas como produtos com data de validade e descartáveis. Quem detém o poder pode determinar o futuro de uma nação através das negações de direitos e políticas públicas, sentenciando parcela de uma população marginalizada a um fim trágico ou doloroso.

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2016, p.123).

O negacionismo e a necropolítica pertencem aos fundamentos do Bolsonarismo que determina qual vida vale mais do que a outra.

A edição do Jornal Nacional do dia **30 de março de 2020** destaca a maneira como o mundo percebe as posturas negacionistas do presidente do Brasil. Neste mesmo dia, o *Facebook* retirou do ar um vídeo de Bolsonaro em que ele aparece em um passeio contrariando as recomendações sanitárias.

SD2

Bonner: A imprensa internacional tem noticiado com destaque a postura do presidente brasileiro em relação ao coronavírus.

Repórter: A revista *The Atlantic* chamou Bolsonaro de “o líder do movimento negacionista do vírus”. Um dos principais jornais alemães, o *Franffurter Allgemeine* destacou na manchete que Bolsonaro é o último negacionista do corona. A agência de notícias AP publicou que mesmo com o aumento de casos de coronavírus no maior país da América Latina, o presidente Jair Bolsonaro tem mantido uma postura mais desdenhosa do que qualquer outro líder mundial, chamando a pandemia de um problema menor. A rede britânica BBC publicou que enquanto o mundo tenta desesperadamente controlar a pandemia, o presidente brasileiro está se esforçando para minimizá-la, indo contra os conselhos do seu próprio ministro da saúde.

Ao trazer as manchetes de outros veículos de imprensa internacionais e com credibilidade, o Jornal Nacional faz uso dessas fontes para reforçar o discurso próprio sobre a conduta de Bolsonaro e também dissociar a ideia de que apenas a imprensa brasileira critica as medidas do presidente, além de legitimar o que é apresentado.

O que caracteriza a informação jornalística são a narração e a descrição dos fatos, sempre respaldada pela argumentação de especialistas ou de testemunhas que são ouvidas a respeito do assunto em pauta, em discussão, visto que, na maioria dos casos narrados, o jornalista não presenciou o acontecimento que irá relatar; assim, dependerá quase sempre de outras pessoas (fontes) (MOREIRA, 2016, p. 47).

A estruturação do discurso jornalístico é voltada para fazer sentido. Esse sentido é direcionado para um gesto de interpretação único, aquele que preserve os interesses da empresa. O que é apresentado como técnica de reportagem é “a 'objetividade' dos fatos e sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de um

imaginário já constituído. Sendo assim, ao relatar os acontecimentos os jornais já estão exercendo uma determinação nos sentidos” (MARIANI, 1996, p. 67).

No decorrer da pandemia, todas as falas do presidente da república foram no sentido de deslegitimar a ciência e colocar uma cortina de fumaça sobre o tema, fazendo com que a população ficasse ainda mais confusa. Entre as medidas que Bolsonaro contrariou ou questionou foi a do isolamento social. Diversos estudos já confirmaram que uma das maneiras mais eficazes de frear a contaminação é o isolamento social e a garantia de condições de que as pessoas consigam de fato fazer essa quarentena. Bolsonaro foi contra o isolamento e tentou intervir na decisão de governadores e prefeitos.

5.1.1 Descaracterizar para confundir: A gripezinha, a histeria e o superdimensionamento

A estratégia adotada por Bolsonaro, de negar a pandemia e a sua potencialidade em dizimar vidas, foi consolidada através do seu discurso. Bolsonaro em diversas oportunidades categorizou a pandemia como apenas uma gripezinha, que não precisava de tanta preocupação, além de considerar as medidas de contingenciamento exageradas, para ele uma histeria e superdimensionamento.

Na edição do dia **20 de março de 2020**, William Bonner e Renata Vasconcellos dão destaque à fala de Bolsonaro que afirma que não será uma gripezinha que irá derrubá-lo. A colocação do presidente se refere à possibilidade do mesmo ter contraído o coronavírus, já que na época parte de sua comitiva testou positivo, Bolsonaro desconversou sobre a possibilidade de testar, entretanto nunca apresentou testes para confirmar ou não se teve o vírus.

Essa postura, de ocultar resultados de exames, se negar a falar sobre as chances de ter sido infectado nas várias manifestações e desrespeito às medidas sanitárias de distanciamento social, gera na sociedade a sensação de que o que ele fala sobre a Covid-19 pode ser verdade, pois, ele não seguiu nenhum isolamento ou manteve distância da população e possivelmente não foi infectado ou apresentou sintomas graves que angustiou os brasileiros no decorrer da pandemia. A dúvida sobre o que realmente é o coronavírus e seus impactos fica no ar e isso leva as pessoas a se despreocupar com os riscos.

A agência de notícias de checagem de fatos *Aos Fatos* realizou um levantamento sobre o impacto das falas de Bolsonaro nos hábitos de prevenção da Covid-19 e constatou que as falas do presidente em relação ao vírus contribuíram na queda do isolamento social entre os seus apoiadores, ou seja, o discurso anti isolamento social funcionou. A agência se baseou em um estudo da Fundação Getúlio Vargas que teve como parâmetro duas datas (15 e 24 de março de

2020) em que Bolsonaro criticou o isolamento social. A pesquisa levou em consideração as cidades em que Bolsonaro ganhou nas eleições de 2018 e que tinha enraizamento. Com isso, foi percebido uma queda significativa nas precauções da população destas cidades. “Em média, a queda apontada foi de um a três pontos percentuais, começando no segundo dia após o discurso presidencial e se mantendo por pelo menos uma semana” (FÁVERO, 2020).

O discurso não é apenas um somatório de palavras, mas ele está inserido em um contexto, momento histórico que contribui para que ele faça sentido. No momento em que o presidente da república banaliza a pandemia, desrespeita as recomendações dos órgãos de saúde e aparentemente não contrai o vírus, ele cria a sensação de que o que ele fala (de que a Covid-19 é mais uma histeria) pode ser real, com isso, as pessoas que tendem a acreditar e confiar nele também não irão acreditar no vírus e não irão se preocupar com as medidas básicas para evitar o contágio.

Bolsonaro ao longo da pandemia foi criando discursos e verdades questionáveis para se isentar de sua responsabilidade ou sair da linha de frente dos questionamentos, pois o aumento dos casos foi tomando proporções demasiadas. Para ignorar o aumento das mortes, Bolsonaro minimizou o caso enquanto seus apoiadores atacavam o Sistema Único de Saúde, questionando o número de óbitos por Covid-19.

Em **24 de março de 2020**, Bolsonaro fez o segundo pronunciamento em rede nacional de TV e Rádio, o primeiro aconteceu no dia 12 de março. No primeiro momento em que o Presidente se dirigiu à população brasileira, Bolsonaro trouxe desinformação, informações sem nenhuma comprovação. Mais uma vez, o chefe do Estado brasileiro contribuiu na confusão, com isso prejudicando a eficácia do controle do vírus no Brasil.

SD3

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Neste recorte, Bolsonaro traz quatro informações: 1- Escolas não precisam ser fechadas, pois o grupo de risco é composto por pessoas com mais de 60 anos. 2- Os casos fatais em pessoas com menos de 40 anos são raros. 3- 90% dos brasileiros não terão sintomas se estiverem contaminados. 4- Pessoas que estão em bom estado físico não precisam se preocupar com o

vírus. Em nenhuma dessas afirmações, Bolsonaro apresenta referências ou estudos que sustentem esses dados.

Isso reforça mais uma faceta de Bolsonaro: o ódio e desprezo pela ciência. Desde que Bolsonaro assumiu a presidência, ele vem desdenhando o papel da pesquisa e das universidades, chegou até a dizer que os estudantes universitários não vão para a universidade para estudar. Durante a pandemia, em que a ciência está na linha de frente do enfrentamento contra a Covid-19, a área de pesquisa científica sofreu cortes, finalizando o ano de 2020 com a possibilidade de um corte de 30% do seu orçamento. Ainda em 2020, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) divulgou um estudo que aponta que 8 mil bolsas de fomento à pesquisa coordenadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foram canceladas durante a pandemia.

A equipe do *Aos Fatos* investigou as três afirmações apresentadas pelo presidente. Nas categorias estabelecidas pela agência (verdadeiro, falso, impreciso e insustentável), a primeira foi considerada falsa, pois mesmo que exista um grupo de risco, a livre circulação das pessoas permite que o vírus se espalhe e os casos aumentem. A segunda é a única que, na época, foi considerada verdadeira, pois até então não se tinha muitos casos de óbitos em faixas etárias menores, contudo, ao longo dos meses os casos de óbitos entre adultos e jovens cresceram assustadoramente, segundo os dados levantados pelo portal de notícias UOL, em 2021 os óbitos no Brasil entre pessoas com menos de 59 anos subiu 35% em relação a 2020.

Já a terceira, de que 90% dos brasileiros não terão sintomas se estiverem contaminados, foi considerada insustentável pela agência, pois até a data do pronunciamento ainda não havia estudos que apresentassem a proporcionalidade de casos sintomáticos e assintomáticos. O histórico de atleta, defendido na 4ª afirmação de que pessoas que tinham esse estilo de vida não precisariam se preocupar com o vírus, pois já estariam resguardadas. A informação é falsa, pois até então não se podia precisar a taxa de mortalidade da covid-19 em comparação à gripe que conhecemos.

Além dessas declarações, o Aos Fatos produziu um compilado de tudo que o presidente Jair Messias Bolsonaro falou sobre a pandemia nos seis primeiros meses no Brasil. A agência, após checagem, constatou que das 1.417 falas do presidente que abordavam a pandemia, 653 eram falsas ou distorcidas.

As falas do presidente Bolsonaro ultrapassam o corpus estabelecido por este trabalho, é material para diversas análises. O início da pandemia foi marcante para que pudéssemos compreender qual seria a postura adotada pelo governo. O discurso de Bolsonaro continua na contramão da ciência, de tudo que é recomendado para o combate do vírus. Bolsonaro não

reconsiderou as suas verdades absolutas que defendeu ao longo desses dois anos, foi contra a vacina, conturbou o início da vacinação brasileira, o que levou o Senado Federal a instaurar, em abril de 2021, uma CPI para investigar a conduta do poder público no combate à pandemia e por diversas vezes o descaso do presidente foi destaque nas sessões e depoimentos colhidos durante a investigação.

A pandemia continua causando óbitos no Brasil, apesar da vacinação ter iniciado em janeiro de 2021 e ter coberto mais de 70% da população adulta brasileira.

5.2 O discurso sobre: como o JN apresenta o discurso de Bolsonaro

O discurso jornalístico, como já foi apresentado aqui, é construído para passar ao mesmo tempo a linha ideológica e os interesses dos seus donos como também convencer o público daquilo que está sendo apresentado. O jornalista/repórter cria uma relação de confiança com o público para que o mesmo o tenha como referência.

No discurso jornalístico, mais especificamente o do telejornalismo, percebe-se em suas materialidades discursivas, isto é, em suas reportagens, a presença explícita do outro, visto que para que uma notícia no telejornal seja classificada como reportagem jornalística, ela precisa ter, obrigatoriamente, a participação de entrevistados: alguém falando sobre a questão em pauta, de maneira direta, com voz e imagem sendo veiculadas, articuladas pelo texto do repórter, que procura fazer o papel de “tradutor” daquilo que está sendo abordado (MOREIRA, 2016, p. 31-32).

Nesta segunda parte da análise, tomamos como referência o que o Jornal Nacional apresentou sobre o discurso do presidente Bolsonaro e como o mesmo caracteriza a pandemia. O discurso sobre algo é uma das características do discurso jornalístico que tem como princípio apresentar o tema de uma forma que coloque a linha editorial apenas como ponte. A notícia é exibida meramente como uma narração do fato, em que o jornalista não interfere na história ou coloca seus valores nela.

De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar sobre transita na correlação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor. (...) o discurso jornalístico, sobretudo na sua forma de reportagens, funciona como uma modalidade de discurso sobre, pois coloca o mundo como objeto (MARIANI, 1996, p. 64).

5.2.1 Bolsonaro no centro das escaladas

Desde que o programa telejornalístico trata a pandemia dentro das suas edições, o Jornal Nacional tratava as falas de Bolsonaro de maneira sutil, dentro de alguma reportagem, apresentada pelos próprios repórteres. Isso muda com a edição do dia 12 de março de 2020. É nessa edição que pela primeira vez as opiniões do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia entram na escalada do programa.

A escalada é um apanhado do que é considerado importante para aquela edição e que será desenvolvido ao longo do programa. Ela é apresentada na abertura do jornal pelos âncoras que trazem o apanhado para o telespectador a fim de prender sua atenção na abertura para que ele acompanhe a exibição, que também tem a função de manter a audiência ao longo da edição.

A escolha dessas notícias é colocada como uma seleção de relevância, através do critério de noticiabilidade já abordado aqui, seguindo apenas um critério, ocultando que aquela seleção possui interesses ideológicos e financeiros. São as “manchetes que abrem a edição do telejornal e que tentam despertar o interesse do telespectador com uma locução ágil, ritmada” (MOREIRA, 2016, p. 72).

Na escalada do dia **12 de março de 2020**, as contradições de Bolsonaro ganham destaque e entram pela primeira vez na abertura do telejornal:

SD4

Dois dias depois de dizer que a questão do coronavírus é muito mais uma fantasia, Bolsonaro usa máscara na internet com o Ministro da Saúde.

A escalada apresenta a contradição de que em um dia ele minimiza a pandemia e depois aparece usando máscara durante uma live ao lado do Ministro da saúde da época, Luiz Henrique Mandetta. Ainda em tom amistoso, pois até então não era possível compreender como se daria a relação da Globo e o presidente, mesmo com todos os ataques direcionados à emissora por parte de Bolsonaro. A chamada destaca a fala de Bolsonaro sobre a pandemia, que a caracteriza como uma fantasia, responsabilizando-o pelas suas falas e atos.

À medida em que a pandemia foi avançando no país, a expectativa e cobrança para que o Chefe de Estado se portasse como tal era grande, de que o mesmo adotasse medidas que pudessem conter o avanço do vírus.

Como se sairia o presidente que tem feito pouco caso de tudo que se relacionasse às condições de vida dos brasileiros? Bolsonaro não demorou para deixar evidente que manteria a

postura ambígua de dialogar com um discurso populista para atingir às massas e satisfazer seus seguidores e, simultaneamente, avançar em propostas que reduzissem a qualidade de vida do povo, como a reforma trabalhista. Desta vez, para ir de encontro ao isolamento social, falou pelos trabalhadores informais, se solidarizando com eles, que durante a pandemia ficariam sem renda ao mesmo tempo em que movia esforços para aprovar um auxílio emergencial irrisório de R\$ 200.

Em **16 de março de 2020**, a edição do Jornal Nacional dedica mais tempo para falar sobre as atitudes de Bolsonaro. Ainda na escalada, William Bonner e Renata Vasconcellos apresentam a fala de Bolsonaro como uma contradição:

SD5

Depois de ignorar a recomendação internacional de isolamento para evitar contágio, Jair Bolsonaro diz que há superdimensionamento da Covid-19. E histeria.

A escalada chama a atenção para o fato do descumprimento de recomendação internacional, o que pode ser que agregue mais importância para a fala. Os âncoras do telejornal retomam a opinião de Bolsonaro, reforçando o que ele fala, ao mesmo tempo que apresenta a contradição, sem necessariamente dizer que é uma contradição.

Na edição do dia **25 de março de 2020**, o noticiário deu um destaque maior às críticas que Bolsonaro vinha tecendo sobre o isolamento decretado pelos governadores. Bolsonaro deu início a uma campanha discursiva contra o isolamento, levando o Supremo Tribunal Federal impedir que o presidente interviesse na autonomia dos estados.

SD6

O presidente Jair Bolsonaro volta a criticar as medidas de isolamento social decretadas por governadores e prefeitos. Ele ignora a Organização mundial da saúde. Contraria a recomendação de médicos e sanitaristas de todo planeta. Contesta medidas tomadas por chefes de estado e de governo em todos continentes. E minimiza o perigo do novo coronavírus ao dizer que outros mataram mais sem provocar comoção.

A utilização de formas verbais como: **volta a criticar; ignora; contraria; contesta e minimiza** são utilizados para responsabilizar o presidente. Direcionando a compreensão do público para o gesto de interpretação desejado pela linha editorial.

Para tanto, os jornais nomeiam, produzem explicações, enfim, 'digerem' para os leitores aquilo sobre o que se fala. Esse processo de encadeamento cria a ilusão de uma relação significativa entre causas e consequências para os fatos

ocorridos. Encontra-se nesse funcionamento jornalístico um dos aspectos de convencimento que envolve os leitores (MARIANI, 1996, p. 63).

A tensão entre o presidente e o então Ministro da Saúde Luis Henrique Mandetta foi se acentuando com as negações do presidente sobre isolamento social e o chamado tratamento precoce com o uso de cloroquina e hidroxicloroquina. Bolsonaro, que não possui nenhuma formação na área da saúde, questionou em todos os momentos o seu ministro médico, que possuía conhecimento técnico sobre o tema

SD7

E depois de repetidamente desautorizar o Ministro da Saúde, o presidente Jair Bolsonaro demite Luiz Henrique Mandetta. Mas o presidente volta a criticar medidas de isolamento social. Diz que a vida é importante mas a economia também. E que o governo não pode manter a ajuda emergencial por muito tempo.

Durante a pandemia, a prioridade do presidente era ter suas vontades atendidas, fazendo com que o Brasil tivesse quatro ministros de saúde diferentes, um deles um militar sem conhecimento técnico na área⁹. Essas trocas trazem à tona a real preocupação do presidente: fazer valer sua autoridade, não importa que isso custe a vida de milhares de brasileiros.

Bonner e Renata destacam o fim do cabo de guerra entre Bolsonaro e Mandetta que discordavam sobre o isolamento social. Na sequência, os âncoras ressaltam a preocupação de Bolsonaro com a economia ao mesmo tempo em que ameaça o fim do auxílio emergencial que ele nunca quis que acontecesse.

SD8

O Brasil tem mais de 5400 mortes por covid-19, 449 confirmadas nas últimas 24h, políticos e representantes da saúde criticam a fala de Jair Bolsonaro sobre o aumento das mortes, mas o ‘e daí?’ é apenas mais uma de uma série de declarações que desde o início subestima o perigo do vírus

⁹ Luiz Henrique Mandetta passou um pouco mais de um ano no governo Bolsonaro, que se incomodou com o fato de Mandetta orientar a população a seguir as recomendações da OMS e não fazer propaganda da cloroquina. Mandetta deixou o cargo em abril de 2020 e o médico oncologista Nelson Teich assumiu por um mês a pasta. Como não realizou as vontades do presidente, passou pouquíssimo tempo. Foi com o general do Exército, Eduardo Pazuello, que Bolsonaro conseguiu implantar o tratamento precoce para a Covid-19. Pazuello iniciou no ministério em maio de 2020 e permaneceu até março de 2021 e em todo esse tempo apenas seguiu as ordens de Bolsonaro. Atualmente, o cardiologista Marcelo Queiroga está à frente do Ministério da Saúde.

Essa sequência se refere ao dia **29 de abril de 2020**, última edição analisada dentro do nosso *corpus*. A edição do Jornal Nacional deste dia traz um compilado de todas as falas de Bolsonaro, como uma retrospectiva, que iremos analisar mais a frente.

Os âncoras trazem os dados dos óbitos em decorrência do coronavírus, que seguia, na época, aumentando cada vez mais. Naturalmente, o presidente recebe questionamentos sobre os casos e a essa altura, Bolsonaro já respondia ainda mais impaciente. O ponto usado como gancho para essa apresentação de linha do tempo é o momento em que o presidente é questionado pelas mortes de Covid-19 e responde com “E daí?”. A partir disso, a edição apresenta falas de Bolsonaro que minimizam a pandemia, deslegitimam o combate a ela e ignora o que está acontecendo. Na escalada, o texto dos âncoras destaca o ‘E daí’ não como um fato isolado, mas sim uma parte integrante da política de Bolsonaro.

5.2.2 JN X Bolsonaro: as críticas ao presidente no contexto da pandemia

Bolsonaro desde que se colocou como candidato à presidência é alvo de críticas por seus depoimentos, medidas e posicionamentos. Alguns grupos mais progressistas puxam esse coro do Ele Não desde 2018, essa linha de frente se expandiu com a pandemia, fazendo com que outros setores também questionem as ações do presidente. Contudo, vale ressaltar, que as críticas de certos setores mais ligados ao liberalismo se dão apenas na questão do tratamento à pandemia, mas permanecem alinhados à política econômica, por exemplo. Entre eles, a Rede Globo e o Jornal Nacional, as críticas se limitam à pandemia e aos ataques à imprensa.

A edição do dia **16 de março de 2020** trouxe uma reportagem sobre o ato do dia anterior em frente ao Palácio da Alvorada, convocado pelos apoiadores de Bolsonaro e incentivado por ele. O ato tinha como pauta a defesa do presidente e críticas ao Congresso e ao Supremo Tribunal Federal.

A postura do presidente foi narrada enquanto as imagens do momento em que Bolsonaro se junta aos manifestantes e mantém contato direto sem máscara, abraçando, pegando nas mãos dos presentes e tirando *selfies*. Para a AD, a televisão proporciona à análise mais possibilidades de compreensão pois elas significam por si só e carregam sentido em si, ultrapassando a funcionalidade de corroborar com o que está sendo apresentado. No telejornal, a utilização dos dois permite uma construção de uma narrativa mais natural para ser apresentada ao público.

A estruturação de um telejornal não é somente uma questão técnico-operacional ou de aplicação de normas e procedimentos a serem seguidos.

Trata-se de uma questão mais ampla, em que palavras e imagens são significadas cotidianamente. Assim, entendemos o telejornal como um espaço diário de construção de sentidos, sentidos esses, muitas vezes, tidos como naturais (MOREIRA, 2016, p. 67).

SD9

O Brasil se diferencia dos outros países em gestos e em declarações do presidente da república. Ontem, ao se juntar a manifestantes em Brasília, Jair Bolsonaro descumpriu recomendações sanitárias internacionais e provocou críticas. Hoje ao ser questionada sobre a atitude do presidente brasileiro, a Organização Mundial de Saúde repetiu que o isolamento é fundamental para reduzir as transmissões do coronavírus. Mas, Bolsonaro voltou a afirmar a covid 19 não deve ser superdimensionada, uma declaração na contramão do que atestam especialistas e líderes mundiais.

A abertura da reportagem é feita pelo âncora William Bonner que destaca a postura do presidente como algo que destoa do que se estava vendo de outros presidentes. Mesmo que não seja dito, indica que existe alguma coisa errada ou nas atitudes do presidente brasileiro ou nas dos líderes que seguem a orientação da OMS. Essa brecha nos permite compreender o que quer ser dito, importante ressaltar que esse não-dito não é à toa, pois são nelas que conseguimos compreender o que realmente se tem a intenção de dizer. “Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele” (ORLANDI, 2001, p. 30).

Logo em seguida, Bonner traz a Organização Mundial de Saúde, referência máxima e fonte confiável sobre a pandemia, reforça que a OMS repete a importância do isolamento social, ou seja, não é uma informação nova sobre a pandemia. Em seguida, o advérbio MAS é utilizado para demonstrar a contradição do presidente, que insiste em dizer que há um superdimensionamento sobre a pandemia. Isso confirma que o equívoco da ação parte do Bolsonaro, não dos outros líderes que seguem o que está sendo defendido pela OMS. Ao dizer que a declaração está na contramão, o JN posiciona Bolsonaro no cenário global da pandemia, isolado e sem credibilidade sem precisar dizer. Quem diz, neste caso, é a OMS que valida o argumento de que Bolsonaro está errado. Ficando assim, que a postura de Bolsonaro não é criticada pelo Jornal Nacional, mas sim pela OMS.

O distanciamento e uso de fontes oficiais ou especialistas são características do discurso jornalístico para garantir a veracidade e credibilidade do que é dito sem colocar o jornalista como origem daquilo que está sendo dito, apenas como um intermediador.

Esse movimento de se afastar do fato permite que o jornal construa uma narrativa sobre e a endosse. É um direcionamento a partir das falas, nesse caso do presidente, para a compreensão do que o JN quer mostrar para a audiência.

A maneira que o presidente lidou com a pandemia fez com que diversos setores se aglutinassem contra a deslegitimação da pandemia proposta por ele, isso fez com que a sua popularidade sofresse alguns abalos, provocando algumas mudanças no discurso de verdades absolutas.

A edição do dia **18 de março de 2020** explorou essa mudança e a contradição de Bolsonaro. Na chamada da matéria, Bonner ressalta a diferença, após dois dias, no discurso de Bolsonaro. O Jornal Nacional reconhece esse recuo e dá destaque a ele.

SD10

Os brasileiros assistiram hoje a uma mudança drástica de postura do Presidente da República em relação à crise do coronavírus. Foi numa entrevista coletiva convocada por Jair Bolsonaro para apresentar medidas de combate a Covid-19.

O início da matéria ressalta esse choque provocado pela nova postura de Bolsonaro ao chegar para a entrevista junto a alguns de seus ministros usando máscaras, devido a alguns de sua equipe que testaram positivo. Isso passa a imagem de que o presidente se preocupa de certa maneira com a pandemia, o que se contradiz com a sua fala. O discurso proferido aos jornalistas presentes traz um reconhecimento do presidente que suas falas se baseiam no seu achismo, sem nenhum embasamento em estudos ou pesquisas sobre o tema.

SD11

Esse vírus trouxe uma certa histeria. Tem alguns governadores, no meu entender, eu posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar em muito a nossa economia.

Quando ele diz que pode até estar errado, ele recua para poder se aproximar dos seus seguidores que discordam da maneira que o presidente trata a pandemia, mas não abre mão de defender a sua posição sobre a economia estar prejudicada.

Na mesma ocasião, Bolsonaro responsabiliza a imprensa mais uma vez pelo que ele considera preocupação demasiada.

SD12

Já tivemos problemas mais graves no passado que não teve essa comoção toda ou repercussão toda por parte da mídia brasileira. O momento agora é de união de todos, de reflexão e buscar soluções. A

verdade está aí: é uma questão grave, mas não podemos entrar no campo da histeria, então esse sempre foi o meu pensamento, esse sempre foi o meu papel como chefe de Estado, levar paz e tranquilidade a todos sem deixar de me preocupar obviamente com as consequências do que estava se aproximando.

A tentativa de minimizar os efeitos e impactos da pandemia se apresenta como uma alternativa de Bolsonaro para se esquivar da sua responsabilidade. Aqui, ele atribui a apaziguação e tranquilização como suas funções enquanto líder da nação. Poucos são os momentos em que o presidente se coloca como um proponente de iniciativas de controle da pandemia ou executor de medidas recomendadas pelos órgãos de saúde mundiais e nacionais. No seu discurso, ele define qual seja seu papel na pandemia e ao mesmo tempo já o legitima que está sendo feito. Assim, o que não está funcionando ou dando certo no combate ao novo vírus não é de sua responsabilidade.

Contudo, essa ponderação sobre a pandemia representa mais uma exceção e estratégia para manter sua base aliada mais próxima. Como foi trazido anteriormente, no pronunciamento do dia **24 de março de 2020**, Bolsonaro utilizou do espaço para se dirigir à nação brasileira e difundiu mais desinformações sobre o vírus, criando mais uma vez um sentimento de insegurança e instabilidade. O editor-chefe do JN, William Bonner, abriu a reportagem elencando os principais pontos do discurso.

SD13

Em pronunciamento em rede nacional de televisão agora há pouco, o presidente Jair Bolsonaro contrariou tudo o que especialistas e autoridades sanitárias do Brasil e do mundo inteiro têm pregado como forma de evitar que o novo coronavírus se espalhe. O presidente criticou o pedido para que todos aqueles que possam, fiquem em casa. Bolsonaro culpou os meios de comunicação por espalhar a sensação de pavor e disse que se ele contrair o vírus, não pegará mais que uma gripezinha.

A abertura traz, mais uma vez, a ideia de que Bolsonaro adota a postura de negação, contrariedade e deslegitimação da pandemia. Essa comparação é possível pois é colocado como parâmetro “tudo o que especialistas e autoridades sanitárias do Brasil e do mundo inteiro têm pregado como forma de evitar que o novo coronavírus se espalhe”. Essa afirmação de Bonner invalida o argumento do presidente de que os meios de comunicação são responsáveis. Quem se coloca contra as ações do presidente não são os veículos midiáticos, mas sim os órgãos competentes. Distanciando mais uma vez o discurso jornalístico do fato.

Um dia após o pronunciamento, na edição do dia **25 de março de 2020**, o Jornal Nacional retomou a falar do assunto, já que o presidente prosseguiu defendendo o que ele elencou em seu discurso sobre a pandemia.

SD14

O presidente Jair Bolsonaro repetiu hoje cedo a postura que assumiu ontem a noite num pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão e que motivou críticas em todos os setores da sociedade. Bolsonaro voltou a criticar o isolamento social que virologistas, infectologistas e autoridades médicas e sanitárias, chefes de estado e de governo do mundo inteiro defendem como forma de combater o espalhamento, vamos dizer assim, do novo coronavírus. Como argumento, o presidente disse que o isolamento vai criar uma crise econômica e gerar desemprego e que isso pode levar a conflitos sociais. O presidente também afirmou que queria que esse vírus matasse ninguém mas que outros que mataram mais não provocaram, nas palavras de Bolsonaro, essa comoção toda.

Para contrapor a teoria de Bolsonaro, de que o isolamento social não é necessário no combate à pandemia, o JN elenca setores da sociedade que discordam do Chefe de Estado Brasileiro. Com isso, a representação de que Bolsonaro está isolado mundialmente é ampliada, através da utilização destas fontes e do termo “mundo inteiro”. Logo após, Bonner revela o argumento utilizado pelo presidente para embasar seu discurso: a economia é mais importante que as vidas dos brasileiros. O isolamento social é visto por Bolsonaro como uma coisa negativa para ele, pois o obrigará a tomar medidas que tenham custos para o seu governo.

Para ele, brasileiros em casa significam gastos a mais, apenas, não a chance de salvar mais vidas. Essa ideia se confirma com o que Bonner traz em seguida, o presidente diz que não quer que ninguém morra, mas que mais pessoas já morreram de outras doenças e não gerou tanta comoção. Mais uma vez, a vida é banalizada e o luto das famílias se torna uma comoção exacerbada.

No dia **30 de março de 2020**, publicações de Bolsonaro foram retiradas de redes sociais. O motivo é que nas imagens divulgadas, Bolsonaro aparece causando aglomeração sem seguir nenhuma orientação de segurança sanitária. Essa atitude e o argumento de que a economia tem que ser priorizada são questionadas por Bonner antes de passar a reportagem produzida.

SD15

O presidente Jair Bolsonaro começou o dia comentando de novo exatamente esse passeio de ontem por regiões de Brasília e, de novo, alegando que não foi um passeio, que foi ouvir o povo. O presidente disse ainda que vai morrer gente, palavras dele, mas que abre aspas temos outro problema, o desemprego que tem que ser tratado com igual responsabilidade, fecha aspas. Bolsonaro se disse preocupado com 38 milhões de trabalhadores informais que estão sem renda, mas não comentou porque não propõe aumentar a ajuda de R\$ 600 por três meses a pelo menos dois integrantes de cada família, ajuda que foi aprovada pelo congresso, se ele acha que ela não é suficiente. Desde a semana passada, alguns dos maiores economistas do Brasil têm dito que cabe apenas a ele, ao presidente da república, tomar essa atitude de forma emergencial, como chefes de estado tem feito.

A chamada reforça que mais uma vez, Bolsonaro erra. O âncora traz a fala de Bolsonaro desta vez colocando-a entre aspas e com o termo “nas palavras dele”, responsabilizando-o pelo

que ele diz. Bonner traz um questionamento sobre a fala de Bolsonaro sobre a sua preocupação com a economia, a questão do auxílio emergencial, que anteriormente Bolsonaro e sua equipe econômica não queria que ficasse no valor de R\$ 600. Aqui chama a atenção a responsabilização pela decisão de aumentar ou não esse valor, que especialistas afirmam que só cabe ao presidente essa decisão. Silenciando que existe uma equipe econômica liderada por Paulo Guedes que, por muitas vezes, se alinha com os interesses econômicos da Rede Globo de Televisão.

A edição do dia **31 de março de 2020** retratou uma informação distorcida apresentada por Bolsonaro para justificar um de seus argumentos. Quem apresenta essa informação manipulada é a âncora Renata Vasconcellos.

SD16

Logo de manhã, para defender que trabalhadores informais saiam do isolamento e retomem as atividades, o presidente extraiu um trecho do pronunciamento de ontem, do diretor da Organização Mundial da Saúde e que supostamente Tedros Adhanom teria dito que os informais precisam trabalhar. Só que Bolsonaro deixou de fora uma parte fundamental do pronunciamento, dirigida justamente a governantes como ele. A parte do discurso em que Tedros Adhanom explica que cabe aos governos garantir assistência aos que ficarem sem renda durante o isolamento recomendado pela OMS. O comentário de Bolsonaro foi logo pela manhã.

Para dizer que Bolsonaro utilizou de uma informação descontextualizada para dar embasamento a sua fala, no caso ele usa o próprio diretor da OMS, Renata usa dois termos: “extraiu um trecho... que supostamente Tedros Adhanom teria dito...” e “Só que Bolsonaro deixou de fora uma parte fundamental...”. Com isso, ela evidencia que Bolsonaro teve a intenção de se utilizar de um trecho fora de sentido para se justificar. Em seguida, é mostrada a fala de Bolsonaro.

SD17

Mas Tedros Adhanom não disse isso. o Presidente da OMS levantou uma questão: o que os países devem fazer para proteger aqueles que precisam do seu trabalho diário pra sobreviver. (...) Mas o presidente Bolsonaro omitiu o trecho anterior do pronunciamento em que fica claro que a intenção do diretor da OMS era cobrar a responsabilidade dos governos em garantir assistência a quem precisa ficar em casa durante a pandemia.

Aqui a confirmação de que o que foi propagandeado por Bolsonaro é, de certa forma, falso. “Mas o presidente omitiu o trecho anterior”, ou seja, manipulou a informação para satisfazer seus interesses. Já que a essa altura da pandemia, os posicionamentos de Bolsonaro eram considerados equivocados, tomando como parâmetro a OMS.

A percepção sobre as atitudes e opiniões controversas de Bolsonaro não são sentidas apenas no território brasileiro. A edição do dia 04 de abril de 2020 reforça a ideia de que o presidente do Brasil permanece na contramão de tudo na pandemia, até nas pesquisas de popularidade.

SD18

E um levantamento do site *Brazilian Report*, que publica informações sobre o Brasil para o público estrangeiro revela a melhora da popularidade de vários líderes mundiais durante a pandemia do novo coronavírus. O mesmo não aconteceu com o presidente Jair Bolsonaro.

A pesquisa demonstra que a popularidade do presidente brasileiro caiu na pandemia, ao contrário do que foi visto com os outros chefes de Estado. A razão, que fica subentendida, é a maneira pela qual ele lida com a pandemia. Esse se torna mais um argumento para consolidar um argumento maior, Bolsonaro falha como presidente durante a pandemia. O comparativo com os outros líderes que agiram segundo o recomendado pela OMS e conseqüentemente tiveram sua avaliação melhorada pelo povo reforça o erro de Bolsonaro.

Mais de uma vez na pandemia, Bolsonaro precisou diminuir o tom sem abrir mão do que acredita. Em um novo pronunciamento em rede de televisão e rádio, Bolsonaro, após uma liminar do STF impedindo-o de suspender as medidas tomadas pelos governadores e prefeitos, evitou criticar a ciência ou o isolamento social.

Bolsonaro levanta a bandeira pelo uso de cloroquina no combate à pandemia durante o seu pronunciamento, após apresentá-la ao público, Renata Vasconcellos faz a chamada da matéria seguinte sobre a cloroquina dentro da comunidade científica.

SD19

Como você viu agora há pouco, o presidente Bolsonaro defendeu o uso da cloroquina para o tratamento da Covid-19. Na comunidade científica não há consenso sobre o assunto.

Em seu discurso, Bolsonaro só afirma ter dialogado com médicos e chefes de Estado sobre o medicamento, mas não apresentou a avaliação das suas fontes citadas sobre o medicamento que tem outra finalidade. O Governo Bolsonaro criou uma campanha ao longo dos meses pelo remédio, gerando confusão na população que começou a comprar o medicamento, prejudicando aqueles que já faziam uso do medicamento como tratamento de suas enfermidades, como o lúpus. A reportagem do JN evidencia que para a OMS ainda não há

provas concretas de que a hidroxicloroquina ou a cloroquina tenham eficácia no tratamento para a Covid-19.

Mesmo não podendo interferir nas decisões dos governadores e prefeitos, Bolsonaro seguiu quebrando protocolos sanitários de segurança e provocando aglomerações. O presidente passou diversas vezes em Brasília e ao ser questionado, defendia sua liberdade de ir e vir. A edição do dia **11 de abril de 2020** mostrou um desses passeios.

SD20

Pelo terceiro dia seguido, o presidente Jair Bolsonaro dedicou alguns minutos ao descumprimento das medidas de distanciamento social defendidas pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial de Saúde. Desta vez, visitou o canteiro de obras de um hospital de campanha em Águas Lindas de Goiás, no entorno de Brasília, o primeiro construído pela união. Em meio a aglomeração provocada pela presença dele, Bolsonaro usou as mãos para retirar a máscara e depois cumprimentar quem se aproximava. Ganhou até beijo na mão e foi embora de helicóptero. O ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta acompanhou de longe, ao ser questionado sobre aquelas cenas, disse que não julgaria a atitude do presidente, mas que o distanciamento é bom e repetiu que as pessoas devem manter o isolamento social, ficar em casa.

A descrição da cena em que Bolsonaro retira a máscara de proteção antes de ir cumprimentar a população evidencia o risco da postura do presidente, que além de negar o isolamento, não o cumpre e ainda coloca a vida das pessoas em risco. A âncora do JN destaca também o desrespeito à figura do Ministro da Saúde do Brasil, Luiz Henrique Mandetta, que acompanha a cena de longe e é questionado pela atitude do presidente, mas que não consegue fazer com que Bolsonaro siga o que é recomendado.

Em seguida, Bonner traz o posicionamento de uma ONG conhecida internacionalmente sobre as atitudes do Presidente da República.

SD21

A Organização Não Governamental *Humans Right Watch* afirmou hoje que o presidente Jair Bolsonaro põe os brasileiros em grave perigo ao incitá-los a não seguir o distanciamento social. O diretor da divisão das Américas da ONG, José Miguel Vivanco, disse que Bolsonaro age de forma irresponsável ao disseminar informações equivocadas sobre a pandemia. A *Humans Right Watch* reforça que líderes devem garantir que as pessoas tenham acesso a informações precisas e baseadas em evidências. O Palácio do Planalto não quis comentar.

A fala do diretor da ONG ganha destaque para ilustrar, mais uma vez, a maneira como o presidente é visto internacionalmente. É uma maneira do Jornal Nacional de dizer algo sem

precisar dizê-lo, já que o uso de uma fonte permite que o veículo passe uma informação sem necessariamente ficar evidente que aquilo é a opinião do jornal.

Na cobertura da demissão do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, o JN destacou a razão pela qual o médico deixou a pasta em plena pandemia.

SD22

No discurso, o presidente se referiu a prioridade que o ex-ministro, como médico, deu ao isolamento social e disse que a mandetta não levou em conta as preocupações dele, Bolsonaro, quanto à economia.

Aqui, a edição do dia **16 de abril de 2020** coloca o embate entre Mandetta e Bolsonaro, saúde e economia, como é visto por Bolsonaro. O presidente não teve seus desejos priorizados, o que considerou ser inaceitável, demitindo o ministro num período em que o Brasil já tinha mais de mil óbitos por Covid-19, informação que é trazida na abertura da matéria. O destaque para a profissão de Mandetta, médico, serve de reforço da assertividade sobre a sua decisão de priorizar o isolamento social.

Nesses dois meses, o JN construiu um discurso sobre o que Bolsonaro defendia e permanece defendendo. As demonstrações de desrespeito à vida, às orientações eram intercaladas com as falas de representantes internacionais, como a OMS, pesquisadores, médicos, entidades e a própria população, como contraponto do que ele fala. Mesmo que não seja dito nas palavras dos âncoras, o discurso em si fala por si só.

5.2.3 A relação público–JN na pandemia

A relação entre o telejornal e o público é baseada em confiança. Para que o JN mantenha a audiência, ela precisa confiar que aquela informação que está sendo passada é verídica e até mesmo, tenha alguma imparcialidade. O noticiário do horário nobre da Rede Globo conquistou sua credibilidade ao longo desses anos.

Isso não o isentou de receber críticas, como quando lembraram a sua criação no seio da Ditadura Militar (que já chegou a ser admitido pelo JN) ou a postura de favorecimento ao então candidato à Presidente Fernando Collor em detrimento de Luís Inácio Lula da Silva durante um debate para as eleições de 1989 em que influenciou de certa forma a eleição de Collor. Recentemente, com o bolsonarismo ganhando força, a Rede Globo e o Jornal Nacional se tornam alvo de desconfiança e ataques. Em junho de 2020, um homem invadiu os estúdios Globo e fez a repórter Mariana Araújo de refém, ele estava ali para falar com a âncora do

noticiário, Renata Vasconcellos. Mesmo que não tenha sido confirmado que o ataque tenha sentido político, muitos associam o ocorrido com os ataques inflamados e violentos por parte do presidente da república direcionados à imprensa brasileira.

Quando Bolsonaro critica a imprensa e responde violentamente a um repórter, ele estimula que seus seguidores façam o mesmo. Ele normaliza a violência que aumentou consideravelmente no ano de 2020, de acordo com o relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). O principal responsável pelos ataques à categoria foi Jair Bolsonaro.

Foram registrados 428 episódios, 105,77% a mais do que em 2019. A descrédibilização da imprensa, como no ano anterior, foi a violência mais frequente: 152 casos, o que representa 35,51% do total. O presidente Jair Bolsonaro, mais uma vez, foi o principal agressor. Sozinho foi responsável por 175 casos (40,89% do total): 145 ataques genéricos e generalizados a veículos de comunicação e a jornalistas, 26 casos de agressões verbais, um caso de ameaça direta a jornalistas, uma ameaça à TV Globo e dois ataques à FENAJ. A postura do presidente da República, que inegavelmente não condiz com o cargo que ocupa, serviu de incentivo para que seus auxiliares e apoiadores também adotassem a violência contra jornalistas como prática (FENAJ, 2020, p. 4).

A desconfiança fez com que o trabalho da imprensa em geral ficasse mais intenso durante a pandemia, o combate ao vírus se deu ao mesmo tempo do combate às *fake news*. As estratégias adotadas de cobertura da pandemia pelo JN para restabelecer a referência e consolidar o canal direto de diálogo com o público foram eficazes. O telejornal aposta em diversos formatos de reportagens, as explicações detalhadas sobre a pandemia, a “tradução” dos termos científicos de tudo que era ainda muito novo e com muitas informações falsas ou confusas e até mesmo a cobertura das ações e depoimentos de Bolsonaro.

À medida da intensificação da cobertura, progressivamente, os telejornais somaram ou mesclaram ao formato da reportagem, conteúdos e posturas opinativos até então, pouco habituais em seus percursos. É o caso do Jornal Nacional, que se pode considerar, inaugurou uma fase inédita ao se posicionar claramente frente aos desafios impostos pela pandemia aos brasileiros e em relação às ações governamentais, a partir da expansão do evento epidemiológico-sanitário para um debate ampliado sobre as ações de governo frente à pandemia. (RENAULT, 2020, p. 5-6).

Essa estratégia de ora se alinhar mais a um governo, ora se distanciar e fazer críticas a decisões ou a posicionamentos faz parte da política midiática.

Assim, a função social do noticiário político com as características telejornalísticas busca a reprodução da ordem social quando governo e mídia

estão juntos. Se não, a insatisfação fica transparente, e a estratégia do veículo foca na integração social e na orientação da população em relação aquele assunto (MIRANDA, 2020, p. 3).

Bolsonaro intensificou o ataque durante a pandemia, chegando ao ponto de adiar a divulgação dos boletins diários para que o JN não pudesse passá-los durante sua exibição. No mês de Junho, para contornar os entraves impostos pelo Ministério da Saúde, os veículos de comunicação G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL formaram um consórcio de imprensa para a coleta de dados feito pelos veículos e compartilhados entre os mesmos. A produção própria de base dados para informação quebra uma dependência e permite uma autonomia dos noticiários. Essa iniciativa ultrapassa o desejo de informar o público, é também uma demonstração de força nessa quebra-de-braço com o presidente.

Além do consórcio construído, o JN teve mais uma iniciativa de aproximação com o público, assumindo uma postura que deveria ser do Chefe de Estado. Enquanto o presidente dava diversas demonstrações de descaso com a vida dos brasileiros e as consequências da pandemia, o Jornal Nacional dedicou parte da sua edição do dia **23 de março de 2020** para um editorial que dialogava com o público.

O editorial dentro de um telejornal não faz parte da rotina do programa, mas em determinados momentos é utilizado para expressar a opinião do grupo, defender seus interesses e demarcar sua posição perante algo.

Além de, muito raramente, a leitura de editorial: texto lido pelo apresentador que expressa a opinião da emissora sobre uma determinada questão. Portanto, a arrumação dessas várias formas de notícia na televisão compõe os espelhos dos telejornais. No nosso entendimento, como já foi dito, essa arrumação impõe sentidos, direcionando o modo como o sujeito-telespectador deverá ver e entender o que está sendo mostrado (MOREIRA, 2016, p. 72).

O texto do editorial do noticiário se dá em um momento em que a pandemia já fez vítimas fatais no país, as informações sobre tratamento, contágio e prevenção ainda são muito difusas. Com o editorial, o JN passa a mensagem de tranquilidade para o espectador e reforçando a confiança dele no que é noticiado pelo telejornal. Esse editorial é importante, para nós, porque o JN assume uma postura que deveria ser do presidente do Brasil, que até então não se dirigiu à população com uma mensagem coerente com a pandemia mas reforçando que é necessário ter calma. Além disso, o texto quebra o argumento de Bolsonaro de que a imprensa brasileira está causando histeria e superdimensionando a pandemia.

As figuras que passam essa mensagem são os âncoras do programa, são os primeiros a terem o contato com o público e são os porta-vozes da emissora. Além disso, usualmente o âncora desempenha também o papel de editor-chefe, que é quem dá o aval final do que irá passar, seguindo os interesses da rede de televisão. Neste caso, o editor-chefe do Jornal Nacional é o âncora William Bonner. O que é lido por ele como editorial não é apenas um texto que lhe foi passado, ele também decide o que é ou não apresentado no telejornal.

No entanto, é necessário entender que o apresentador não é apenas um leitor de notícias, ele é também, na maioria dos telejornais, o editor-chefe, o âncora, aquele que decide o que deve ou não ser veiculado. A palavra final é quase

sempre dele, que atua como representante do pensamento político-empresarial dos interesses da emissora. Mas, essa palavra final é mera ilusão (MOREIRA, 2019, p. 74).

SD23

Antes de começar a apresentar as notícias de hoje, a gente vai fazer uma pausa. Porque é muita informação todo dia, o tempo todo sobre o coronavírus, sobre o desafio que o coronavírus impõe ao mundo todo. Então, você já ouviu as manchetes de hoje, já sabe quais são os destaques e a gente vai fazer essa pausa primeiro pra dizer simplesmente o que a gente fica repetindo um pro outro aqui também: Calma. Não dá pra começar o JN de hoje sem pedir calma.

O pedido de calma, a maneira de falar diretamente com o espectador passa a mensagem de que o apresentador fala exclusivamente para quem está em casa, como se fosse apenas os dois no momento. Criando uma relação de cumplicidade. No momento em que ele diz que pedir calma também é uma coisa que eles repetem entre si, estabelece uma relação de companheirismo, pois é um costume que eles têm um com os outros e estão estendendo ao público.

O telespectador tem a impressão de que a pessoa que está do outro lado do vídeo está falando diretamente a ele, e só com ele. Mesmo que várias pessoas estejam assistindo juntas a um programa, cada uma delas terá a sensação de que o diálogo está sendo instaurado somente com ela (BRITTOS, V.C.; RÚHEE, P., 2007, p. 64).

SD24

Mas, olha o porquê dessa pausa aqui no JN hoje, a gente também precisa respirar. A gente precisa entender que essa crise vai ter altos e baixos, vai exigir sacrifícios, mas no fim, o Brasil e o mundo vão superar. Apesar da aflição, apesar da dor que muitas famílias estão enfrentando e outras ainda vão enfrentar, a gente vai superar esse momento junto e vai ser mais fácil quanto mais a gente manter a calma.

Mais uma vez, o JN faz algo que o presidente ainda não havia feito: se solidarizar com as famílias que já estavam perdendo seus familiares. A pandemia criou uma polarização entre Bolsonaro e a Rede Globo que passava sua mensagem política através do JN. O público acompanhou ativamente as edições do JN para ver o quê e como seria falado sobre Bolsonaro, causando certa comoção nas redes sociais. A cobertura da pandemia fez com que o telejornal batesse recordes de audiência durante sua exibição, principalmente entre os jovens, segundo pesquisa do Kantar Ibope. Além das informações sobre casos, pesquisas, tratamentos, a relação JN e Bolsonaro se tornou uma razão para acompanhar o noticiário.

Em diversos vídeos compartilhados em suas plataformas e na de apoiadores, Bolsonaro investe agressivamente contra a imprensa e a TV Globo que, do outro lado, busca reafirmar o seu papel de intérprete principal da realidade nacional. A arma mais utilizada pela emissora de TV nessa batalha é o telejornal mais assistido do Brasil, o Jornal Nacional. Conhecedor da trama entre presidente e TV Globo, em um dia de notícias que fragilizam sensivelmente Jair Bolsonaro, o público não poderia deixar de esperar um capítulo marcante dessa disputa: uma “edição de colecionador” do Jornal Nacional (COUTINHO, I.; et al, 2020, p. 6).

SD25

Mas repare uma coisa, quando a Globo aumentou o tempo diário que é dedicado ao jornalismo, foi exatamente pra poder levar informação sem correria. É pra você ver e ouvir o que está acontecendo e pra você saber como deve agir para se proteger. E, claro que a gente também tem medo de adoecer, aqui não tem super herói, nem entre nós jornalistas, nem entre os outros colegas das outras categorias que eu mencionei que trabalham com a gente. Não tem e você talvez já tenha até perguntado, ué, mas se é pra se proteger, como é que tem tanta gente trabalhando no jornalismo da Globo? Mas a gente aqui também procura se proteger da melhor forma possível, honrar o nosso compromisso profissional de informar, de esclarecer.

Bonner faz uma exaltação ao papel social do comunicador, que naquele momento a sua função e a prioridade da Rede Globo é de informar o telespectador, deixando de evidenciar os interesses ideológicos e financeiros da emissora. Ao mesmo tempo que humaniza o jornalista que vem sendo alvo de ataques por parte, na maioria das vezes, do presidente. Ao falar que também tem medo de adoecer ele cria um vínculo de semelhança com o telespectador que também tem medo de adoecer, assim ambos têm algo em comum. Ele também informa como está sendo a rotina da redação que não parou durante a pandemia, desmistificando o argumento de que o JN pede para que as pessoas fiquem em casa, mas estão trabalhando. É aí, também, que o papel do jornalista é exaltado, que está colocando a sua vida em risco para informar.

A disputa de narrativa entre o presidente Bolsonaro e o Jornal Nacional ganha um novo capítulo com a retrospectiva das falas do presidente durante a pandemia, já que nem todas foram trazidas às edições do JN. No final de abril, mais precisamente no dia 29 de abril de 2020, o JN utiliza gancho¹⁰ da resposta dada por Bolsonaro a um repórter que pede que o presidente fale sobre os óbitos de Covid-19 e o presidente responde com “E daí?”.

SD26

Hoje depois de um café da manhã com deputados que o apoiam, o presidente Jair Bolsonaro voltou a falar do assunto, ao lado dos parlamentares e diante de apoiadores no palácio da alvorada, ele criticou a imprensa, como faz habitualmente. Apesar dos órgãos de imprensa terem reproduzido as palavras dele, textualmente, exatamente como elas foram ditas, Bolsonaro disse que elas foram distorcidas e voltou a criticar o isolamento social, com o apoio dos deputados que o acompanhavam, Jair Bolsonaro disse que as mortes ocorreram mesmo com as medidas decretadas pelos governadores e prefeitos. É uma afirmação que contraria frontalmente tudo o que afirma a unanimidade das autoridades sanitárias, dos médicos, dos especialistas que se não fosse o isolamento, o número de mortes seria muitas vezes mais alto do que ocorre hoje, muitas vezes. E que o aumento do número de mortes ocorre exatamente neste momento em que muitas pessoas começam a descumprir o isolamento social.

Ao trazer que Bolsonaro criticou a imprensa mais uma vez e divulgou sua fala distorcida, Bonner afirma que tudo foi colocado exatamente como foi dito, quebrando o

¹⁰ O gancho é conhecido dentro do meio jornalístico como o assunto que se relaciona com o que está acontecendo e que permite que outros assuntos sejam tratados a partir dele. É o ponto de partida de uma matéria.

argumento do presidente. Em seguida, apresenta a fala de pesquisadores sobre o impacto positivo do isolamento social que Bolsonaro ainda critica e afirma que não o mesmo não evitou as mortes, mais uma vez distorcendo a realidade para que ela se encaixe dentro do seu discurso. Pois, a não adesão total do isolamento social se dá também pelas suas falas de desestimulação do que foi recomendado, assim, isolamento não tem a eficácia desejada e com isso suas críticas de certa forma se legitimam.

SD27

O "E daí?" do presidente Jair Bolsonaro não foi a primeira reação de desdém pelas mortes de brasileiros pelo coronavírus. Há nove dias, quando questionado sobre o aumento do registro de óbitos pela Covid-19, Bolsonaro disse que não é cozeiro. Foi mais uma entre muitas declarações que demonstram que desde o começo da pandemia ele minimizou ou subestimou o perigo que o vírus representa.

Renata traz uma fala do presidente que até então não tinha sido reproduzida no JN. No dia **20 de abril de 2020**, em mais um questionamento natural da imprensa sobre as mortes em decorrência do coronavírus, visto que Bolsonaro é o chefe da nação e responsável por ela, Bolsonaro diz não ser cozeiro. O seu desprezo pela vida e a banalização dos óbitos pelos casos de covid-19 evidenciam a sua política de morte como já foi tratado anteriormente. O texto reforça que essas declarações são um padrão dentro do discurso do Bolsonaro e que isso é visto desde o início da pandemia.

Em seguida, os apresentadores revezam a apresentação da cronologia de falas do presidente da pandemia, sempre apresentando os vídeos com os trechos que comprovam que de fato Bolsonaro falou o que está sendo mostrado. Essa retrospectiva deixa em evidência o argumento que não é colocado no texto, de que Bolsonaro é responsável também pelos casos e óbitos que cresceram absurdamente, já que o mesmo não tomou medidas eficazes e no tempo correto para que a pandemia não se espalhasse da maneira que se espalhou. Além de, através dos seus discursos, descredibilizar a ciência, desmoralizar seus ministros da saúde que defendiam o isolamento social, propor tratamentos sem evidência de êxito, estimular que as pessoas duvidem do vírus e não cumpram isolamento, colocando suas vidas em risco e a de milhões de brasileiros. O resultado ainda é sentido nos dias de hoje em que o Brasil já ultrapassa a marca de 600 mil vítimas fatais da covid-19.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos ao longo deste trabalho como os efeitos de sentidos dos discursos do Presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia do coronavírus e como ele foi apresentado para a sociedade pelo Jornal Nacional foram produzidos. A maneira pela qual esses discursos foram apresentados para a sociedade revelam os interesses ideológicos.

Através da metodologia da Análise do Discurso, foi possível compreender que a análise desse período dependia da reflexão em dois momentos que dialogam entre si e co-existem dentro de seu funcionamento. Para compreender como o discurso do JN se constrói no período pandêmico, foi preciso se debruçar em que o telejornal está utilizando como material, neste caso o discurso de Jair Bolsonaro enquanto presidente sobre a pandemia. Assim, compreendemos que a análise desse período se divide em duas formas e que para analisar o **discurso sobre** do JN é preciso analisar o discurso do presidente brasileiro. O seu discurso, que minimiza as mortes e dificulta o combate aos vírus e a maneira que o JN apresenta isso, refutando todas as colocações e ações de Bolsonaro, criando assim uma disputa, de certa forma, de quem seria considerado referência no combate à pandemia.

A pandemia se tornou um fator determinante em vários aspectos no Brasil, aqui destacamos a relação entre os discursos do Jornal Nacional e de Bolsonaro. Ele assume uma posição de negacionismo da ciência e banalização da vida, tentando diminuir e minimizar a pandemia e com isso uma cortina de fumaça que confunde e atrapalha o combate ao vírus que dizimou mais de 600 mil vidas brasileiras é criada.

Ao longo desses dois primeiros meses, pelo que aponta a análise, o Jornal Nacional assume uma posição que vai de encontro às posturas do Presidente. Em cada edição, o telejornal dedicou tempo considerável dentro da televisão para defender a narrativa de que Bolsonaro está equivocado quanto à pandemia e atrapalha o combate ao vírus. As *fake news* e os ataques do presidente à imprensa fizeram com que o trabalho de convencimento do público de que aquele veículo é confiável tivesse que aumentar. O JN tenta, assim, restabelecer e consolidar a relação com o público, trazendo uma cobertura da pandemia para reforçar a posição de fonte confiável durante o período.

Para isso, o noticiário investe em esmiuçar as atitudes e falas do presidente por meio de descrições de suas atitudes, contrastando sempre com o que é recomendado pelas autoridades sanitárias mundiais. Depoimentos de profissionais da saúde e pesquisadores, apresentam outros líderes globais e como os mesmos estão lidando com a pandemia, comparando ao que está sendo feito pelo presidente aqui no Brasil. Isso evidencia o isolamento e o caminho de contramão que

o Brasil seguiu no início da pandemia e permanece nele até hoje. Ao trazer dados dos outros países, opiniões de órgãos mundiais de saúde, notícias internacionais sobre a maneira que o governo brasileiro trata a pandemia, os interesses da TV Globo são passados através da linha editorial daquele noticiário, sem que seja necessário se colocar como ponto que origina as falas. O JN apenas apresenta os fatos, se distanciando para defender seus interesses.

É importante ressaltar que esse tensionamento entre Bolsonaro e JN não foi constante na relação entre as duas partes. O discurso de ódio, carregado de preconceito e informações distorcidas sempre fizeram parte da figura política que está no meio político há décadas. Durante as eleições presidenciais, que foi decidida entre Bolsonaro e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), essa característica de Bolsonaro não saltava como preocupação ou pelo menos necessária de se atentar. A partir do momento que Bolsonaro investe em ataques à imprensa e ao JN, especificamente, a forma pela qual o discurso do mesmo passa a ser apresentado de maneira mais contundente, entretanto esse posicionamento determinado por parte da linha editorial do JN se limita apenas ao conteúdo discursivo de Bolsonaro, se esquivando, por exemplo, de tratar da política econômica de seu governo (chefiada por Paulo Guedes) como uma questão problemática dentro do seu mandato.

A disputa de narrativa entre a Globo, através do JN, e o Presidente ultrapassa o território da ideologia e se consolida nas questões financeiras. Os ataques de Bolsonaro não se limitam ao discurso em uma entrevista ou pronunciamento. Ao longo do seu mandato, Bolsonaro cortou algumas vezes verbas publicitárias que seriam destinadas à Rede Globo, ao mesmo tempo que as emissoras que apoiam abertamente o seu governo, SBT e RecordTV, desfrutaram de mais verbas publicitária, mesmo que a TV Globo ainda lidere a audiência na maior parte do tempo.

Assim, é possível evidenciar também que essa postura adotada pelo JN a partir da pandemia é permeada de esquecimentos intencionais para resguardar os interesses da emissora. O discurso construído na pandemia pelo telejornal apaga intencionalmente todo o histórico de que o JN e a imprensa brasileira em geral contribuíram ativa e incisivamente para que Bolsonaro fosse eleito presidente do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO, Anne Francially da Costa. **De sujeito (s) ao diretório**: uma contribuição discursiva ao estudo da língua e identidade nacional.. Tese de Doutorado em Linguística – PPGLL, UFAL, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/431/1/AnneFranciallydaCostaAraujo.pdf>>. Acesso em 20 out. 2020.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AZEVEDO, Júlio Arantes. **O discurso da democratização da comunicação**: memórias, lutas e efeitos de sentido. Dissertação de Mestrado em Linguística - PPGLL, UFAL, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/491/1/Dissertacao_JulioArantesAzevedo_2010.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BARBEIRO, H. E LIMA. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade**: um conceito em construção. XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

BENEVENUTO Jr., Álvaro. **As mudanças do Jornal Nacional e a reconquista do público**. In: JAMBEIRO, Othon et al. (Orgs.). Comunicação, hegemonia e contrahegemonia. Salvador: EDUFBA, 2005.

BOITO JUNIOR., Armando. **O neofascismo no Brasil**. Boletim LIERI, UFRRJ, n.1, maio 2019. Disponível em: <<http://laboratorios.ufrj.br/lieri/wpcontent/uploads/sites/7/2019/05/Boletim-1-O-Neofascismo-no-Brasil.pdf>>.

_____. **O Brasil de Bolsonaro**. Reforma e crise política no Brasil – os conflitos de classe nos governos do PT. São Paulo e Campinas: editoras Unesp; Unicamp. 2018.

_____. **Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo?**. Crítica Marxista, Campinas, n.50, p.111-119, 2020.

BOLAÑO, César. **Mercado Brasileiro de Televisão**. 3ª Edição. 2016.

BOLSONARO, Jair. **Bolsonaro disse que fecharia o Congresso**. Youtube, 3 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EIBQbueU0tQ>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BRITTOS, Valério Cruz; RUHEE, Paloma. **A construção dos âncoras nos telejornais nacionais da Globo**. Comunicação Plural. 1ed. Salvador: Edufba, p. 53-74, 2007.

COUTINHO, I.; MUSSE, C. **Telejornalismo, narrativa e identidade**: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. Revista ALTEJOR, ano 1, volume 1, edição 1. 2010.

COUTINHO, Iluska; et al. **Jornal Nacional como metáfora do quarto poder: As promessas cumpridas em uma edição para chamar de nossa.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL. 2020. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1812-1.pdf>>. Acesso em 28 mai. 2021.

DA SILVA, Jonathan Chasko; DE ARAÚJO, Alcemar Dionet. **A metodologia de pesquisa em análise do discurso.** Grau Zero—Revista de Crítica Cultural, v. 5, n. 1, p. 17-32, 2017.

DELA-SILVA, Silmara. **O Acontecimento Discursivo da Televisão no Brasil: A Imprensa na Constituição da TV como grande mídia.** 208. 243f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp/SP, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271055/1/DelaSilva_SilmaraCristina.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020

_____. **A análise de discurso e a formação do jornalista,** 2013.

Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/152.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia.** Educação & Realidade, v. 45, 2020.

FÁVERO, Bruno. **Falas de Bolsonaro levaram a queda no isolamento social entre seus apoiadores, aponta estudo.** Aos Fatos, 28 abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/falas-de-bolsonaro-levaram-a-queda-no-isolamento-social-entre-seus-apoiadores-aponta-estudo/>>. Acesso em: 04 jan. 2022

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama; et al. **Análise do discurso: fundamentos & práticas.** Maceió: EDUFAL, 2009.

GOMES, Itania. **Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da rede globo,** In: GOMES, Itania M.M. (Org.). **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos.** Salvador: EDUFBA, 2012.

INDURSKY, Freda. **O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil.** 2020. Abralín

_____. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso.** In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua.** Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

MAGALHÃES, Belmira. **O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário.** In: VOESE, Ingo (Org). **Linguagem em Discurso,** v.3. Tubarão/SC: Ed. Unisul, 2003.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Betânia. **Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente.** Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, v. 2, n. 32, 2016.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional, 2013. Disponível em:
<<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

MENDONÇA, Kleber. **Tramas discursivas**: apontamentos para a análise dos efeitos de sentido no telejornalismo brasileiro. In. GOMES, Itania M.M. (Org.). *Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida. **O poder dos agentes do telejornalismo político no JN**: uma análise sobre o processo de votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara Federal. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL, 2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2046-1.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MOREIRA, Maria Rachel Fiúza. **Histórias (e)ditadas**: um arquivo que se quer memória. Tese de Doutorado em Linguística – PPGLL, UFAL, 2019. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6476/1/Hist%c3%b3rias%20%28e%29ditadas%20um%20arquivo%20que%20se%20quer%20mem%c3%b3ria.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020

_____. **A (Des)ordem do mundo na ordem do espelho**: efeitos de sentido no sequenciamento das notícias no Jornal Nacional. Dissertação de Mestrado em Linguística – PPGLL, UFAL, 2016. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6244/1/A%20%28des%29ordem%20do%20mundo%20na%20ordem%20do%20espelho%20an%c3%a1lise%20dos%20efeitos%20de%20sentido%20no%20sequenciamento%20das%20not%c3%adcias%20no%20Jornal%20Nacional.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

NALON, Tai. **Bolsonaristas resgatam vídeo antigo de Drauzio Varella para difundir desinformação sobre Covid-19**. Aos Fatos, 22 mar. 2020. Disponível em:
<<https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-resgatam-video-antigo-de-drauzio-varella-para-difundir-desinformacao-sobre-covid-19/>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos Campinas: Pontes, 2000.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PIMENTEL, Mércia Sylvianne Rodrigues. **Entre dizeres e silenciamentos**: uma análise discursiva do Jornal da Assembleia de Alagoas. Dissertação de Mestrado em Linguística – PPGLL, UFAL, 2010. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6244/1/A%20%28des%29ordem%20do%20mundo%20na%20ordem%20do%20espelho%20an%c3%a1lise%20dos%20efeitos%20de%20>

[sentido%20no%20sequenciamento%20das%20not%20cias%20no%20Jornal%20Nacional.pdf](#)>. Acesso em: 16 jan. 2021.

PORCELLO, Flávio. **Telejornalismo e Poder:** A moeda política que regula as relações de troca no Brasil. Estudos em Comunicação nº6, 335-348, 2009. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/1911161/2z76gc9jlst5hx9-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1644824994&Signature=ZNy8ttp823lfx5eZyv7-GFmMhvxUzrUTOkldul~aEhzc~f6QTEqpUAlivM2Semf3ff0fpR0si01Xs7isQWEpnean5ZAnukvc9FI~mFK8Ec7~Ei9DgDZplKFxPBN7MpZ4xzsgX7jVHtdqAIq9IYGwa0i3QmGCuMALPhZjDHO0YDk1BZOGIDcCaulArpboBCskevi38IfwRRpZTgo1jIju2Uoezk3sf0WOoUeTInVeOyIvrOc96CvrRySUK-AT3PIVMtgWBvJvpj-33iMi0~9rAE5uGpiiPwxR7cP~-VYumJN02sWvG5CY1QcEAsG~qOTFE9Leow-ippRBv-940Yag_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=341>. Acesso em: 25 mai. 2021.

RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza. **Eles conseguiram:** os sentidos de “sucesso” no jornalismo de televisão. Tese de Doutorado em Linguística – PPGLL, UFAL, 2012. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6420/1/%e2%80%9cEles%20consequiram%e2%80%9d%20os%20sentidos%20de%20sucesso%20no%20jornalismo%20de%20televis%20%a3o.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2020.

RECUERO, Raquel da Cunha; SOARES, Felipe Bonow. **O discurso desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter:** estudo de caso. E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, DF. Vol. 24 (2021), p. 1-29, 2021.

RENAULT, Letícia. **O telejornalismo brasileiro vai à guerra:** a cobertura da pandemia de coronavírus sob ataques. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL. 2020.

BRITTOS, Valério Cruz; RUHEE, Paloma. **A construção dos âncoras nos telejornais nacionais da Globo.** Comunicação Plural. 1ed. Salvador: Edufba, p. 53-74, 2007.

SILVA, Carlos Matheus Alves da. **Covid-19 e necropolítica na conjuntura brasileira.** Boletim de Conjuntura (Boca) ano II, vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/AlvesdaSilva/2979>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SILVA, Cris Guimarães Cirino da. **O bolsonarismo da esfera pública:** uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. 2020. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SQUARISI, Dad. **A arte de escrever bem:** um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo: Contexto, 2005.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia.** Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.